

VEÍCULO #8 /5



ProCOa2016

Projeto **Circuito Outubro aberto** outubro 2016

Campo do conteúdo Pertinente - Potes em prata para Moradas sem chaves - Aldeia onde tudo me guarda - Dono das flores - Elegias em Forma

CAMPO DO CONTEÚDO PERTINENTE

Olivio Guedes

MEMÓRIA e AMNÉSIA
MEMORIA y AMNESIA
MEMORY and AMNESIA

MOMENTO
MOMENTO
MOMENT

A ARTE ESCRUTANTE
EL ARTE ESCRUTANTE
SCRUTINIZING ART

SELO
STAMP



ESTE CONTEÚDO TRATA DOS TEXTOS DESENVOLVIDOS NO VEICULO QUE É UM SISTEMA INFORMATIVO DAS QUESTÕES DOS PROCESSOS EXISTENTES NAS ARTES PLÁSTICAS, ONDE, SEU ESTUDO É PERTINENTE AO PROCESSO DESENVOLVIDO NO TRILHAR DO CAMINHO ARTÍSTICO, TANTO INDIVIDUAL COMO EM SOCIEDADE. CADA UM DOS SEIS PRIMEIROS TEXTOS OCUPA A REALIZAÇÃO DOS PROCESSOS VIVENCIADOS COM OS ARTISTAS; NO SÉTIMO E ÚLTIMO CONCLUSIVO, ENVOLVE AS QUESTÕES ANTERIORES E FORMALIZA A ARQUITETURA DO PENSAMENTO REALIZATÓRIO NA EXPERIÊNCIA DA ARTE.

This content addresses texts developed in the VEHICLE, which is an informative system of the questions on existing processes in Plastics Arts, where, its study is pertinent to the process developed in trailing artistic insight, both in the individual as well as in society. Each one of the first six texts occupies the accomplishment of processes lived with the artists; the seventh and last conclusive text involves the previous questions and formalizes the architecture of accomplishing thought in the experience of art.

Este contenido trata de los textos desarrollados en el VEHÍCULO, que es un sistema informativo de las cuestiones de los procesos existentes en las Artes Plásticas, en donde, su estudio es pertinente al proceso desarrollado en el sendero del camino artístico, tanto individual como en sociedad. Cada uno de los seis primeros textos ocupa la realización de los procesos vivenciados con los artistas; en el séptimo y último conclusivo, envuelve las cuestiones anteriores y formaliza la arquitectura del pensamiento realizador en la experiencia del arte.

VEÍCULO# Campo do conteúdo Pertinente - Olivio Guedes - Publicação ProCOa - conselho editorial: O. Guedes, L. Py, C. Oliveira • coordenação geral: L. Py • coordenação / produção: C. Gebaile, C. Ohassi • projeto gráfico: COhassi Art&Design • revisão: Arminda Jardim • versão inglês: Charles Castleberry • versão espanhol: Action Traduções.

ProCOa MOMENTO TERRITÓRIO.

QUAL É O MEU TERRITÓRIO?
TERRITÓRIO = TERRA = TER.

O ‘ter’ como forma de pertencimento exalta a questão da propriedade. Percebendo cada vez mais um mundo mundializado, ou globalizado, o artista, este ser sensível, portanto, captador, ressentido o outro. Na pluralidade da vida social, ou seja: o todo, entra em conflito com a questão da unidade, o indivíduo: o individual. Este ser único faz parte de um todo. A parte não envolve o todo! Encontramos a questão do habitar.

ONDE HABITO?
HABITO: VESTIDO DA ALMA = CORPO. ANSEIO POR LIBERDADE, MESMO ESTANDO PROTEGIDO. ONDE ESTA PROTEÇÃO PODERÁ CRIAR UM AUTOMATISMO MENTAL, EXISTINDO ASSIM, UMA SUPOSTA NÃO CRIAÇÃO!

A criação pede movimento, movimento existe no espaço, o espaço existe com o tempo. O tempo mensura, para isto se faz necessário consciência. Esta consciência do Momento Território anseia por compreender a prisão/liberdade e a liberdade/prisão; neste conflitar, nesta dialética transdisciplinar vive o habitante planetário. O Pro Coa busca ‘relacionar acontecimentos aparentemente desconexos’. Nesta investigação, realizamos a declaração do viver. Compreendendo a eterna incompletude. Esta incompletude que faz ‘arte ser arte’. Na irradiação destes saberes, temos como exemplo real a arte postal (física e virtual) que transcende a questão de territorialidade, assim faz existir o Momento Território.

TERRITORY MOMENT

WHAT IS MY TERRITORY?
TERRITÓRIO [TERRITORY] = TERRA [LAND] = TER [HAVING].

The ‘have’ as a form of ownership exalts the question of proprietorship. Increasingly perceived as an internationalized, or globalized world, the artist, this sensitive, thus captivating, being resents the other. In the plurality of social life, that is: the whole, comes into conflict with the question of unity, the individual: the individual. This unique being makes part of a whole. The part does not involve the whole! We encounter the question of inhabiting.

WHERE DO I INHABIT?
H~ABITO: CLOTHING OF THE SOUL = BODY. LONGING FOR FREEDOM, EVEN BEING PROTECTED. WHERE THIS PROTECTION MAY CREATE A MENTAL OVERRIDE, EXISTING IN THIS MANNER, A SUPPOSED NON-CREATION!

Creation requires movement, movement exists in space, space exists with time. Time measures, making consciousness necessary. This consciousness of the Territory Moment longs for the comprehension of prison/freedom and freedom/prison; in this conflict, in this transdisciplinary dialect lives the planetary inhabitant. Pro Coa seeks to ‘relate happenings that otherwise seem disconnected’. In this investigation, we accomplish the declaration of living. Comprehending eternal unwholeness. This unwholeness that makes ‘art be art’. In the irradiation of this knowledge, as a real example, we have postal art (physical and virtual), which transcends the question of territoriality, this making the Momento Território [Territory Moment] exist.

MOMENTO TERRITORIO

¿CUÁL ES MI TERRITORIO?
TERRITORIO = TIERRA = TENER.

El ‘tener’ como forma de pertenecimiento exalta la cuestión de la propiedad. Percibiendo cada vez más un mundo mundializado o globalizado, el artista, este ser sensible, por lo tanto, captador, resiente el otro. En la pluralidad de la vida social, es decir: el todo, entra en conflicto con la cuestión de la unidad, el individuo: el individual. Este ser único forma parte de un todo. ¡La parte no envuelve el todo! Encontramos la cuestión del habitar.

¿En dónde habito?
Hábito: vestido del alma = cuerpo. Ansia de libertad, inclusive estando protegido. ¡En donde esta protección podrá crear un automatismo mental, existiendo así, una supuesta no creación!

La creación pide movimiento, movimiento existe en el espacio, el espacio existe con el tiempo. El tiempo mensura, para esto es necesaria conciencia. Esta conciencia del Momento Territorio ansia por comprender la prisión/libertad y la libertad/prisión; en este conflicto, en esta dialéctica transdisciplinar vive el habitante planetario. El Pro Coa busca ‘relacionar eventos aparentemente inconexos’. En esta investigación, realizamos la declaración del vivir. Comprendiendo la eterna incompletitud. Esta incompletitud que hace ‘arte ser arte’. En la irradación de estos saberes, tenemos como ejemplo real el arte postal (física y virtual) que transcende la cuestión de territorialidad, así hace existir el Momento Territorio.



FIM DA ARTE. COMPREENDAMOS POR ISTO: O FIM DE UM CAMINHO É O INÍCIO DE OUTRO. (A. DANTO E H. BELTING).

Vamos lembrar que a busca do “Belo” na Antiguidade (grego-romana) e no Humanismo (Renascimento) tem como palavra radical o verbete “Bellus”, que detém a mesma origem em “Bélico”. Como o “Número Áureo”, onde a busca da simetria existe por ser “busca”, mas o seu encontrar é momentâneo.

Nas questões da globalização (séc. XV), da planetarização (séc. XVI e XVII) e da mundialização (séc. XX e XXI), a questão do Território ficou evidente.

FIM DA ARTE. COMPREENDAMOS POR ISTO: O FIM DE UM CAMINHO E O INÍCIO DE OUTRO. (A. DANTO E H. BELTING).

Dentro de cada um de nós. Claro que existem regras, leis (usos e costumes) externas que habitam a vivência em sociedade (sócios) mas, cada vez mais, a complexidade do existir está no estado consciente.

E VIVA A ANALOGIA DOS CONTRÁRIOS!

Dentro de cada um de nós. Claro que existem regras, leis (usos e costumes) externas que habitam a vivência em sociedade (sócios) mas, cada vez mais, a complexidade do existir está no estado consciente.

Nas questões da globalização (séc. XV), da planetarização (séc. XVI e XVII) e da mundialização (séc. XX e XXI), a questão do Território ficou evidente, ou seja: o Território é dentro.

E VIVA A ANALOGIA DOS CONTRÁRIOS!

Dentro de cada um de nós. Claro que existem regras, leis (usos e costumes) externas que habitam a vivência em sociedade (sócios) mas, cada vez mais, a complexidade do existir está no estado consciente.

Entre tantos, a assimetria e a dialética estão imperativos. O que esta procura nos apresenta é o caminho do meio, e não somente um estado final.

Desta reunião foi escolhida, entre outras, a obra “Território I Assimétrica”.

O Coa trata destas questões. Questões infinitas em suas qualificações. Quantificamos para qualificar, assim sendo, escolhemos a realidade em diálogos dialéticos.

O hibridismo na arte atual (contemporânea) é real. Atuares, mas, aqui no veículo e procoia 2010, estamos na reunião, apresentando a largia py, a largiação por instantânea, cada um com sua história, projetos e linguagens...

O ProCoa trata destas questões. Questões infinitas em suas qualificações. Quantificamos para qualificar, assim sendo, escolhemos a realidade em diálogos dialéticos.

Constatando que a Cooperativa, no exercício da sua missão, agrega valores e os “acessa” não encontra barreiras.

Usa sempre a todos,

Muito! E VIVA A ANALOGIA DOS CONTRÁRIOS!

Pro 2010 - OLÍVIO GUEDES, LÚCIA PY, CILDO OLIVEIRA, MONICA NUNES, FERNANDO DURÃO, ANGELA MAINO, PAULA SALUSSE, ISIS AUDI, CARMEN GEBAILÉ, GERSONY SILVA, LUCIANA MENDONÇA, LUCY SALLES, PITTI MARRONE, THAIS GOMES, CRISTIANE OHASSI, TÁCITO CARVALHO E SILVA, ARMINDA JARDIM.

Programa Residência - PROJETO

Da direita para esquerda: Cildo Oliveira, João Sperni, Sandra Ramos, Maria Bonomi, Mauricio Moraes, Silvio Dworkski.

EDIÇÕES 2005 2006

ATELIER RESIDÊNCIA - PROJETO

ATELIER RESIDÊNCIA - PROJETO

ATELIER RESIDÊNCIA - PROJETO

Local para vivência sobre o próprio trabalho coletivo.

Henrique Oliveira

Mauricio Moraes

Henrique Oliveira

Cildo Oliveira

TERRITORY | ASYMMETRY

END OF ART. BY THIS WE COMPREHEND: THE END OF AN INSIGHT AND THE BEGINNING OF ANOTHER. (A. DANTO AND H. BELTING).

Remembering that the search of “Beauty” in Antiquity (Greek-Roman) and in Humanism (Renaissance) has at its root the word/radical verbiage “Bellus”, which contains the same origin in “Bélico”. Like the ‘Golden Mean’, where the search for symmetry exists by being ‘sought’, yet its encounter is momentary.

In questions of globalization (XV Century), on planetarization (XVI and XVII Centuries) and of internationalization (XX and XXI Centuries), the question of Territory has become evident, that is: the Territory is inside.

Inside each one of us. Of course, there are external rules, laws (habits and customs) that exist through experience in society (partners) yet, ever increasingly, the complexity of existence abides in the conscious state.

Among so many, asymmetry and dialect are imperative. What this search presents to us is a middle ground, and not just a final destination

Representational art is important but, when consciously represented, having a concept in which to base itself, and likewise, a narrative of planetary reality, there arrives a moment of fulfillment, why not say: universal.

The hybridism in current (contemporary) art is real.

ProCoa addresses these questions. Infinite questions in their qualifications. We quantify to qualify; hence, we choose reality in dialectical dialogues.

AND LIVE THE ANALOGY OF CONTRARIES!

TERRITORIO | ASIMETRÍA

FIN DEL ARTE. COMPRENDAMOS POR ESTO: EL FIN DE UN CAMINO Y EL INICIO DE OTRO. (A. DANTO Y H. BELTING).

Vamos a recordar que la búsqueda de lo “Bello” en la Antigüedad (greco-romana) y el Humanismo (Renacimiento) tiene como palabra/radical el artículo “Bellus”, que tiene el mismo de “Bélico”. Como el “Número Áureo”, en donde la búsqueda de la simetría existe por ser ‘búsqueda’, pero su encontrar es momentáneo.

En las cuestiones de la globalización (sig. XV), de la planetarización (sig. XVI y XVII) y de la mundialización (sig. XX y XXI), la cuestión de Territorio quedó evidente, es decir: el Territorio es dentro.

Dentro de cada uno de nosotros. Claro que existen reglas, leyes (usos y costumbres) externas que habitan la vivencia en sociedad (socios), pero, cada vez más, la complejidad del existir está en el estado consciente.

Entre tantos, la asimetría y la dialéctica están imperativos. Lo que esta procura nos presenta es el camino del medio, y no solamente un estado final.

El arte representativa es importante, pero cuando conscientemente representada, teniendo un concepto para basarla, y así, una narrativa de realidad planetaria, llega con esto a un momento de plenitud, porque no decir: universal.

El hibridismo en el arte actual (contemporánea) es real.

El ProCoa trata de estas cuestiones. Cuestiones infinitas en sus calificaciones. Cuantificamos para calificar, así siendo, escogemos la realidad en diálogos dialéticos.

¡Y VIVA LA ANALOGÍA DE LOS CONTRARIOS!

Stamp ArtRubber Art -Arte Assinada

O artista revela, o artista expõe, o artista assina.

ASSINATURA = ASSIGNATURA = SIGNATURA = SIGNO.

O artista faz sua exposição através de seus signos, que se transformam em símbolos. Suas marcas, ou seja: seus significantes com seus significados realizam em selos. A questão do selo, a arte de selar, realmente se apresenta ou representa de forma mister; mister como fundamental, quando a criatividade chega ao ponto de um estado artístico onde o criador (entenda-se: o artista consegue selar sua obra) vive a obra como obra de arte.

Este selar, este carimbo, revela-se como marca. Desta marca ocorre o marco, o processo da obra de arte, sendo, existe o identificador semiótico, com isto: o estado alterado de consciência, deste criador, encontra o caminho; o mister, portanto, misterioso, melhor ainda: o mistério do gênero humano. Ter consciência de estar vivo! Existe assim a plenitude de uma marca autêntica que documenta de forma cunhada... pulsada de vida deste artista realizador.

Esta propriedade é inviolável! Esta chancela, este sinete adesiva a alma, o corpo e a obra de arte em um só signo.

Pois, fica estampado, através da estampa, que simplesmente tampa como *modus* protetor com este sinete, este ‘*signete*’ manterá única a *assignatura* deste realizador em seu “Magnus Opus”.

STAMP ART - RUBBER ART SIGNED ART

The artist reveals, the artist exhibits, the artist signs.

SIGNAURE = ESIGNATURE = SIGNATURA = SIGN.

The artist accomplishes his exhibition through his signs, which transform themselves into symbols. His trademarks, that is: his signifiers with his signified realized through stamps. The question of the stamp, or the art of stamping, is really presented or represented by urgency; urgency as in fundamental, when creativity comes to the points of its artistic state, where the creator (to clarify: the artist is able to complete his work) lives the work as a work of art.

This act of stamping, this stamp, is revealed as a trademark. From this stamped mark comes the making, the artwork process, and/or, there exists the semiotic identifier, with this: the altered state of consciousness, of this creator, encountered in the insight; the urgency, or shall we say, mystery, or even better: the mystery of the human race. To be consciousness of living! Thus, there exists the fullness of an authentic trademark which documents by proxy ... pulsing with life, given by the realizing artist.

This proprietorship is sacred! This seal, this signet branded on the body, and the work of art become one.

For they are stamped, and through the stamp, which simply confirms as a manner of protection with the signet, this “signet” maintains the signature of this individual as a “Magna Charta.”

STAMP ART - RUBBER ART ARTE SIGNADA

El artista revela, el artista expone, el artista signa.

SIGNARE = SIGNATURA = SIGNAR = SIGNO.

El artista hace su exposición a través de sus signos, que se transforman en símbolos. Sus marcas, es decir: sus significantes con sus significados realizan en sellos. La cuestión del sello, el arte de sellar, realmente se presenta o representa de forma mister; mister como fundamental, cuando la creatividad llega al punto de un estado artístico en donde el creador (se entiende: el artista consigue sellar su obra) vive la obra como obra de arte.

Este sellar, este sello, se revela como marca. De esta marca ocurre el marco, el proceso de la obra de arte, siendo, existe el identificador semiótico, con esto: el estado alterado de conciencia, de este creador, encuentra el camino; el mister, por lo tanto, misterioso, incluso mejor: el misterio del género humano. ¡Tener conciencia de estar vivo! Existe así la plenitud de una marca auténtica que documenta de forma cuñada... pulsada de vida de este artista realizador.

¡Esta propiedad es inviolable! Esta marca, esta señal adhesiva el alma, el cuerpo y la obra de arte en un sólo signo.

Porque, queda estampado, a través de la estampa, que simplemente tapa como *modus* protector con esta señal, este ‘signet’ mantendrá única la *signatura* de este realizador en su “Magnus Opus”.

MEMÓRIA e AMNÉSIA

A questão do tempo na criação

Tempo e memória. Medir. Mensurar o estado de nossa civilização, pois tudo que observamos, julgamos, é o próprio sentimento, é um estado medido para ser validado. O chamado mundo das trocas. Sejam estas visíveis ou não.

A mensuração do tempo em suas primeiras considerações é exatamente a medida do movimento. Os Pitagóricos tinham por definição: a esfera que abrange tudo; pois achavam que era a medida perfeita.

Acreditamos na linearidade do tempo. A gramática e a física nos apresentam isto, ou seja: pretérito, presente e futuro.

A física atual (2012) acredita (tenta cientificar) que no border line de um buraco negro, o que chamamos de Horizonte dos Eventos, exista uma ruptura com a questão temporal, assim, neste local, espaço, o tempo é atemporal. Plena contradição aristotélica.

Mas, ao sairmos do macrocosmo, do universo e, ao entrar no mesocosmo, mundo da relatividade humana, vamos compreender a relação espaço, tempo e o mundo da criação.

EM QUAL MOMENTO, EM QUAL LUGAR, PORTANTO: QUAL O TEMPO E ESPAÇO ACONTECE O CRIAR?

O CRIAR VEM DE SÚBITO? O CRIAR É UM CONJUNTO DE CIRCUNSTÂNCIAS? VAMOS JUNTAR OS DOIS!

CRIAR É: UM CONJUNTO DE CIRCUNSTÂNCIAS QUE ACONTECE DE SÚBITO.

QUAIS SÃO ESTAS CIRCUNSTÂNCIAS?

O lugar é o corpo. Se habitar-mos um corpo, este corpo espacial detém um conteúdo de experiências genéticas (biologia), este conteúdo não advém somente de nossos pais e nossos avós, mas de toda a humanidade; ou mais ainda: de todo universo.

Ao escrevermos sobre criar, escrevemos sobre o novo, mas, para sabermos o que é novo, temos que ter por base um mundo conhecido, este conhecido é a história - a memória. Este verbete “história” tem sua origem latina que, como significativo, quer dizer: tecido, que dá origem à histologia, ou seja, o estudo dos tecidos na medicina, contudo, temos também o tacer da Teoria de Campo do universo, muito estudada por A. Einstein, qual é equiparada à mente, que falaremos mais adiante.

Esta configuração, este pensamento, este intelecto, nos faz entrar na questão: o que habita nosso corpo? Quando não falo com minha boca, quem está falando dentro de mim? Vamos chamar aqui de voz reflexiva; reflexiva do quê? Do que vivo! Ou seja: meu conteúdo genético, mais meu meio ambiente executam um movimento de fora para dentro e de dentro para fora, com isto criando uma arte (in natura), a arte de existir.

A genética armazena um conteúdo de dados que me faz adaptar melhor ao meio e com isto progredir em minha existência. Meu existir do pretérito me dá sustentação para o presente. Este estado presente só pode existir se houver criação.

Mas minha criação artística está no enfrentamento das relações genéticas com o meio?

Para existir a criação, seja artística ou não (entendamos agir a vida como um movimento criativo), temos que existir em conflito? Sim, algo que surge do inesperado (o terceiro incluído na transdisciplinaridade). Algo que nunca foi proposto, ou sugerido por nós.

Portanto, este momento que nunca surgiu veio de onde? Claro que nosso organismo, nosso corpo, detém este conhecimento genético, o meio detém o desconhecido, neste conflito surge à criação.

VAMOS LEMBRAR DO IMLEMBRÁVEL; A FALTA DE MEMÓRIA - A AMNÉSIA. AMNÉSIA, OU A QUANTIDADE DE COISAS PELAS QUAIS PASSAMOS, ESTÁ ARMAZENADA EM NOSSO ORGANISMO. COMO ACESSÁ- LA?

Por provocação do meio? Por necessidade de lembranças? Por necessidade de sobrevivência?

O cérebro é um órgão que armazena dados, portanto memoriza circunstâncias. Estas circunstâncias são mantidas próximas pelo motivo de ‘demarcação de sentimentos’, de paixões que elevam nosso momento em vida.

A nossa mente é um aparelho sutil, portanto não palpável, pela sua sutileza, que se recorda, portanto acorda circunstâncias, e compara com o momento presente. Esta capacidade eletrônica, da mente, nos apresenta um movimento de dentro para fora e de fora para dentro (interação). Com isto criando artificialmente (arte como radical) na matéria; surge a arte. A mente é um campo elétrico-magnético (Teoria de Campo) que existe em relação ao nosso cérebro, mas a sua capacidade de extensão depende de algoritmos relacionais.

Neste ponto deveremos interpretar o que é o intervalo. A mente tem sequências chamadas lógicas; lógica estabelecida em sua base pelos conceitos aristotélicos, nesta sequência, portanto linear, se tem o chamado momento (do latim momentum = impulso), este pulso tem sua natureza própria, que é relativa a seu conteúdo físico, por exemplo: o pulsar de um coração humano, o pulsar de uma galáxia. A questão da continuidade, a questão do momento, a questão do instante



cria um movimento. Onde surge o primeiro movimento, o Big-bang. Onde aconteceu o Big-bang? Qual é a ordem da memória? Qual é a ordem dos sonhos? Qual é a ordem para a criação?

Se eu procuro construir uma simples ideia do Tempo, abstraindo a sucessão das ideias no meu espírito, que flui uniformemente e é compartilhada por todos os seres, estou perdido e preso em dificuldades inexplicáveis. (Berkeley, Principles of Human Knowledge, I, 98)

Existe o movimento - não podemos entender onde ele começou -, existe a continuidade, que se dividem entre sístole e diástole, mas, o que mais existe, é o momento entre estes dois movimentos, o instante que é chamado de vazio. Talvez a resposta para entendermos onde foi o começo ocorra no instante vazio; pois já sabemos que o vazio não existe, pois já o reconhecemos.

Ao acessarmos nosso conteúdo de memória, memória amnésia, a memória esquecida, depende da paixão (do grego pathós = sentir), poderemos acessar nosso conteúdo de amnésia, com isto, mais nosso conteúdo genético, ou seja: captando o possível mais o impossível e utilizando isto com o meio, poderemos criar.

Quais os níveis de criação?

- 1- A criação pode ser um simples estado de necessidade de vida, a respiração.
- 2- A criação pode ser a necessidade de criar um objeto para transportar um pouco de água, um recipiente.
- 3- A criação pode ser um recipiente com adornos em sua volta, com isto se tornando o que chamamos de decorado.
- 4- A criação pode ser algo desenvolvido pelo nosso conhecimento, portanto memória que inventa algo necessário para o desenvolvimento, um automóvel.
- 5- A criação pode ser algo que poderá ser utilizado no futuro, logaritmicos (criado no séc. XVII e utilizado dezenas, centenas de anos depois).

POR QUE A REPETIÇÃO É UM ESTADO ENFADONHO? O SER HUMANO TEM A NECESSIDADE DE CRIAÇÃO. SENSÇÃO DE ENFADO É PRODUZIDA POR ALGO LENTO, PROLIXO OU TEMPORALMENTE PROLONGADA DEMAIS. A QUESTÃO DA VELOCIDADE DO TEMPO.

A ordem do tempo, a ordem do antes e do depois, é redutível à ordem causal... A inversão da ordem temporal para determinados acontecimentos, que é resultado derivante da relatividade e da simultaneidade, é só consequência deste fato fundamental. Desde que a velocidade da transmissão é limitada, existem eventos tais que nenhum deles pode ser causa ou efeito do outro. Para tais eventos, a ordem do tempo não está definida e cada um deles pode ser chamado posterior ou anterior ao outro (A. Einstein, Philosopher-Scientist, 1949, pg 289)

Entendamos necessidade como algo imprescindível ao nosso momento de utilização da mente. A nossa condição de base contraditória, ou seja, nosso mundo social pede uma existência de verdade.

O que é verdade? Verdade é um estado onde o pensamento, o falar e a atitude se findam em uma única realização. Este estado se fez necessário pela forma qual nosso mundo social encontrou para podermos coabitar. A verdade é, portanto, uma realidade vista pela maioria que detém o poder de autoridade e, assim, ministra este comportamento para uma convivência supostamente harmônica.

Ao entrarmos em contradição, estaremos vivendo em um momento que não é equilibrado com nosso método de vida social. A criação poderá modificar este estado, por isto as leis são uso e costume.

Assim, a verdade se torna relativa ao momento e local na qual é empregada. Com este escrever, poderá adotar como unidade de Lei única a seguinte frase: “o único estado certo no universo é a incerteza”. Perceberemos assim que a mutação, a inconstância, são momentos eternos.

Chegamos então à questão. O que é realidade?

O tempo absoluto verdadeiro e matemático, na realidade e por sua natureza, sem relação com alguma coisa de externo, flui uniformemente (acquabiliter) e se chama também de duração. O tempo relativo aparente e comum é uma medida sensível e externa da duração por meio do movimento. (Isaac Newton, Naturalis philosophiae principia, I, def. VIII)

Pela análise física da vida, não é possível a repetição igual, nossa percepção portanto não é profunda e daí nos cansamos de estados observados superficiais como repetidos.

Nossa mente tem um limite de seu aprofundamento, a questão ‘fritar a mente para pensar’. A maioria dos seres humanos tem um comportamento superficial quanto à questão da abstração. Vamos usar como exemplo o mundo matemático. A álgebra é de um conteúdo que poucos humanos podem compreendê-la. A arte abstrata pede uma composição mental ao ponto de um redescobrimento de si próprio para poder analisá-la. A psicologia desenvolve esta questão.

A arte conceitual é um desenvolvimento que busca saber que lugar/espaço ocupo, em que tempo vivo. Nestas análises tenho que compreender minhas composições históricas sociais e buscar meus estados de amnésia e o melhor que estar por vir: a criação.

Futuro não significa um agora que ainda não se tornou atual, e que ficará, mas o “infuturamento” pelo qual o Ser-aqui chega a si mesmo, por meio do seu mais próprio poder-ser. A antecipação torna o Ser-aqui autenticamente ‘capaz de chegar’, de sorte que a própria antecipação é possível somente porque o Ser-aqui em geral já sempre chegou a si mesmo. (Martin Heidegger, Sein und Zeit, § 65)

CRIAÇÃO: MOMENTO DO IMPOSSÍVEL. ESTADO DE PLENITUDE ONDE MEU DESCONHECIMENTO HABITA NO TODO. NESTE MOMENTO O SER-PROFETA SE REVELA EM ARTISTA, CRIA O INCRIADO.

MEMORY and AMNESIA

The question of time relative to creation.

Time and memory. Measure. Gage the state of our civilization, for everything we observe, we judge, and it is a viable sentiment, it is a condition to be validated. Referring to it as a world of exchanges. Whether they are visible or not.

The measurement of time in its early considerations is exactly the measure of movement. The Pythagoreans had by definition: the sphere that embodies all; since they has found that it was the perfect measure.

We believe in the lineal nature of time. Grammar and physics shows us this, that is; preterit, present and future.

Current physics (2012) believes (tries to scientificize) that on the border line of a black hole, what we call the Event Horizon, there exists a rupture with a temporal unknown, that way, in that location, space, time is timeless. A pure Aristotelian contradiction.

Yet, upon leaving the macrocosm, the universe, and so entering the mesocosm, the world of human relativity, we will understand spatial relationship, time and the world of creation.

In what moment, in what place, likewise: what time and space happen upon creation?

Does creation occur suddenly? Or is creation a collaboration of circumstances? Let us join the two! Creation is: a collaboration of circumstances that happen suddenly. But JUST WHAT are the circumstances?

The place is the body. The place is the body. If we inhabit a body, this spatial body detains a content of genetic experiences (bio logy), this content not only stem from our parents and our grandparents, but from all humanity; or furthermore: from the entire universe.

When we write about creating, we write about the new. Yet, for us to know what is new, we have to have a known world as a base, this knowledge is a history – a memory. This verbiage “history” has at its Latin origin, the implication of textiles, that gives way to the histology, or be it, the study of textiles and their use in medicine, notwithstanding, we also have the weaving implied in the Theory of the Universe, much studied by Einstein. This too can be compared to the mind, which will be discussed further in the text. This configuration, this thought, this intellect, makes us ask the question: what inhabits our body? When I do not verbalize with my mouth, who is it that speaks inside me? Let’s refer to that voice, from here on out, as the reflexive voice; reflective of what? What I live! Or shall we say: my genetic make-up, plus my surroundings execute a movement that begins outside of myself and travels inward and then from the inside, out, in this manner creating a type of art (in natura), the art of my existence.

Genetics stores data content that makes me adapt better to the environment and, with this, progress in my existence. My existing from the preterit gives me sustenance for the present. This present state may only exist if there has been creation.

But is my artistic creation in the confrontation of genetic relationships with the environment?

For creation to exist, whether artistic or not (we understand acting in life as a creative movement), do we have to exist in conflict? Yes, anything that arises from the unexpected (the third element included in transdisciplinarity). Anything that has never been proposed, or suggested by us.

So, where did this moment that has never arisen

come from? Of course, our organism, our body, detains this genetic knowledge, the environment detains the unknown, and creation arises from this conflict.

Let’s recall the unrecallable; the lack of memory - amnesia. Amnesia, or the amount of things that we have gone through, is stored in our organism. How do you access it?

By prodding from the environment? By needing memories? By needing to survive?

The brain is an organ that stores data and, therefore, memorizes circumstances. These circumstances are kept close due to the ‘demarcation of feelings’, of passions that raise our moment in life.

Our mind is a subtle and, therefore, a non-palpable device, by its subtleness, which records and, therefore, awakens circumstances, and compares them with the present moment. This electronic capacity, of the mind, presents us with an outward and an inward movement (interaction). With this artificially (art as a radical) creating in material, art appears. The mind is an electromagnetic field (Field Theory) that exists in relation to our brain, but its extensibility depends on the relational algorithms.

At this point, we should interpret what the interval is. The mind has sequences called logic; logic established in its base by Aristotelian concepts, in this sequence, albeit linear, there is a so-called moment (from Latin momentum = impulse), this pulse has its own nature, which is relative to its physical content, for example: the pulsing of a human heart, the pulsing of a galaxy. The question of continuity, the question of the moment, the question of the instant creates a movement. Where did the first movement appear? The Big Bang. Where did the Big Bang occur? What is the order of memory? What is the order of dreams? What is the order for creation?

If I seek to construct a simple concept of Time, abstracting the succession of ideas in my spirit, which flow uniformly and is shared by all beings, I am lost and held captive by inexplicable difficulties. (Berkeley, Principles of Human Knowledge, I, 98)

There exists movement- we cannot grasp its origin-, there exists continuity, which is divided by systolic and diastolic, but what exists above that, is the movement between these two states, the place called the void. Perhaps the answer to when the beginning occurred is within that void; because we already know that the void does not exist even though we have recognized it.

When accessing our memory content, amnesiac memory, forgotten memories, depending on the level of passion (from the Greek word pathos = to feel), we can access our amnesiac content, and with this, more of our genetic content, or: capturing the possible plus the impossible and utilizing it as a means to an end, we can create.

What are the levels of creation?
1- Creation may be a simple state of life necessity, breathing.
2- Creation may be the need to create an object to transport a little water, a recipient.
3- Creation may be a recipient surrounded by ornaments, thus becoming what we call decoration.
4- Creation may be anything developed by our knowledge, therefore memory that invents something necessary for development, an automobile.
5- Creation may be anything that can be used in the future, logarithms (created in the XVII Century and used dozens, hundreds of years later).

Why IS repetition a boring state? Human beings have the need for creation. Boredom is produced by something slow, prolix or temporally

too prolonged. The question of time velocity. The order of time, the order of the before and of the after, can be reduced to casual order... the inversion of temporal order for determined happenings, that is a derived result of relativity, and of simultaneous-ness, is just a consequence of that fundamental fact. Insomuch that the velocity of transmission is limited, there exists event such as not one of them can be the cause or the effect of the other. For such events, the order of time is not defined an each one of them might be called posterior or anterior to the other (A. Einstein, Philosopher-Scientist, 1949, pg 289).

We understand necessity as something indispensable to our mind utilization moment. Our condition of contradictory base, or, our social world begs a true existence.

What is truth? Truth is a state where the thought, the speech and the attitude find their end in one single realization. That state made itself necessary because our social world found a way for us to coexist. The truth, in this instance, is a reality seen by the ruling majority, and so, administering that behavior for a supposedly harmonious coexistence.

Upon entering contradiction, we will be living in a moment that is not balanced with our method of social life. The creation will be able to modify that state, which is why the laws are practical and customary.

In this way, a truth becomes relative to the moment and location in which it is employed. Having said that, we can adopt as a unit of one law the following phrase: “the only certain state in the universe is uncertainty.” Therefore we perceive that a mutation, an inconsistency, are eternal moments.

We have reached the question. What is reality?

Absolute true and mathematical time, in reality is naturally, without relationship whatsoever to external things, it flows uniformly (fluidity) and is durable. Relative apparent and common time is sensible and external to movement by way of duration. (Isaac Newton, Naturalis philosophiae principia, I, def. VIII)

By the physical analysis of life, it is not possible to have identical repetitions, therefore our perception is not profound so we tire of observed superficial and repetitive states.

Our mind has a limit on depth, as exemplified by the statement ‘fry the brain by thinking’. The majority of human beings have a superficial behavior in regards to the subject of abstraction. Let’s use as an example the mathematical world. Algebra’s content is such that few humans can comprehend it. Abstract art begs a mental composition to the point of rediscovery of self to be able to analyze it. Psychology expounds this issue.

Conceptual art is a process that seeks to know what place/space I occupy, or the time I live in. Within these analyses I must understand the composition of my social history and seek my amnesiac states and the best that is yet to come: creation.

Future does not mean a here and now that has not been actualized, or that will abide, but the ‘faturalization” by which the here and now arrives to itself, by means of your most proper self-empowerment. The anticipation becomes the here and now authentically capable of arriving,’ in such a way that your own anticipation is possible only because the here and now in general has always arrived to itself. (Martin Heidegger, Sein und Zeit, § 65)

Creation; the moment impossible. A state of plenitude where my lack of knowledge lives in the everything. In that moment the prophetic individual is revealed as artist, creating the uncreated.

MEMORIA y AMNESIA

La cuestión del tiempo en la creación

Tiempo y memoria. Medir. Mensurar el estado de nuestra civilización, porque todo lo que observamos, juzgamos, es el propio sentimiento, es un estado medido para ser validado. El llamado mundo de los cambios. Sean éstos visibles o no.

La mensuración del tiempo en sus primeras consideraciones, es exactamente la medida del movimiento. Los Pitagóricos tenían como definición: la esfera que abarca todo; porque hallaban que era la medida perfecta.

Creemos en la linealidad del tiempo. La gramática y la física nos presentan esto, es decir: pretérito, presente y futuro.

La física actual (2012) cree (intenta científicar) que en el border line de un agujero negro, lo que llamamos de Horizonte de los Eventos, existe una ruptura con la cuestión temporal, así, en este local, espacio, el tiempo es atemporal. Plena contradicción aristotélica.

Pero, al salirnos del macrocosmos, del universo y al entrar en el mesocosmos, mundo de la relatividad humana, vamos a comprender la relación espacio, tiempo y el mundo de la creación.

En cuál momento, en cuál lugar, por lo tanto: ¿En cuál tiempo y espacio acontece el crear?

¿El crear viene de súbito? ¿El crear es un conjunto de circunstancias? ¿Vamos a juntar los dos! Crear es: un conjunto de circunstancias que acontece de súbito. ¿Cuáles SON estas circunstancias?

El lugar es el cuerpo. Si habitamos un cuerpo, este cuerpo espacial posee un contenido de experiencias genéticas (bio logia), este contenido no proviene solamente de nuestros padres y nuestros abuelos, sino de toda la humanidad; o inclusive: de todo el universo.

Al escribir sobre crear, escribimos sobre el nuevo, mas, para saber lo que es nuevo, tenemos que tener como base un mundo conocido, este conocido es la historia - la memoria. Este artículo “historia” tiene su origen latina, que como significante, quiere decir: tejido, que da origen a la histologia, es decir, el estudio de los tejidos en la medicina, sin embargo, también tenemos el tejer de la Teoría de Campo del universo, muy estudiada por A. Einstein, la cual es equiparada a la mente, que hablaremos más adelante. Esta configuración, este pensamiento, este intelecto, nos hace entrar en la cuestión: ¿qué habita nuestro cuerpo? ¿Cuando no hablo con mi boca, quién está hablando dentro de mí? Vamos llamar aquí de voz reflexiva; ¿reflexiva do qué? ¿De lo que vivo! Es decir: mi contenido genético, más mi medioambiente ejecutan un movimiento de afuera hacia adentro y de adentro hacia afuera, con esto creando una arte (in natura), el arte de existir.

La genética almacena un contenido de datos que me hace adaptar mejor al medio y con esto progresar en mi existencia. Mi existir del pretérito me da sustentación para el presente. Este estado presente solamente puede existir si hay creación.

¿Pero mi creación artística está en el enfrentamiento de las relaciones genéticas con el medio?

Para existir la creación, sea artística o no (entendamos actuar la vida como un movimiento creativo), ¿tenemos que existir en conflicto? Si, algo que surge de lo inesperado (el tercero incluido en la transdisciplinarietà). Algo que nunca fue propuesto o sugerido por nosotros.

Por lo tanto, este momento que nunca surgió ¿de dónde vino? Claro que nuestro organismo, nuestro cuerpo, posee este conocimiento genético, el medio posee lo desconocido, en este conflicto surge la creación.

Vamos a recordar de lo irrecordable; la falta de memoria - la amnesia. Amnesia o la cantidad de cosas por las cuales pasamos, está almacenada en nuestro organismo. ¿Cómo accederla?

¿Por provocación del medio? ¿Por necesidad de recuerdos? ¿Por necesidad de supervivencia?

El cerebro es un órgano que almacena datos, por lo tanto memoriza circunstancias. Estas circunstancias son mantenidas próximas por el motivo de ‘demarcación de sentimientos’, de pasiones que elevan nuestro momento en vida.

Nuestra mente es un aparato sutil, por lo tanto no palpable, por su sutileza, que se recuerda, por lo tanto despierta circunstancias y compara con el momento presente. Esta capacidad electrónica, de la mente, nos presenta un movimiento de adentro hacia afuera y de afuera hacia adentro (interacción). Con eso creando artificialmente (arte como radical) en la materia; surge el arte. La mente es un campo electromagnético (Teoría de Campo) que existe con relación a nuestro cerebro, pero su capacidad de extensión depende de algoritmos relacionales.

En este punto deberemos interpretar lo que es el intervalo. La mente tiene secuencias llamadas lógicas; lógica establecida en su base por los conceptos aristotélicos, en esta secuencia, por lo tanto lineal, se tiene el llamado momento (del latín momentum = impulso), este pulso tiene su naturaleza propia, que es relativa a su contenido fisico, por ejemplo: la pulsación de un corazón humano, la pulsación de una galaxia. La cuestión de la continuidad, la cuestión del momento, la cuestión del instante crea un movimiento. En donde surge el primer movimiento, el Big-bang. ¿En dónde sucedió el Big-bang? ¿Cuál es el orden de la memoria? ¿Cuál es el orden de los sueños? ¿Cuál es el orden para la creación?

Si yo procuro construir una simple idea del Tiempo, abstrayendo la sucesión de las ideas en mi espíritu, que fluye uniformemente y es compartida por todos los seres, estoy perdido y preso en dificultades inexplicables. (Berkeley, Principles of Human Knowledge, I, 98)

Existe el movimiento – no podemos entender en dónde se inició -, existe la continuidad, que se dividen entre sistole y diástole, pero lo que más existe, es el momento entre estos dos movimientos, el instante que es llamado de vacío. Talvez la respuesta para que entendamos en dónde fue el inicio, ocurra en el instante vacío; porque ya sabemos que el vacío no existe, porque ya lo reconocemos.

Al acceder a nuestro contenido de memoria, memoria amnesia, la memoria olvidada, depende de la pasión (del griego pathós = sentir), podremos acceder a nuestro contenido de amnesia, con eso, más nuestro contenido genético, es decir: captando lo posible más lo imposible y utilizando esto con el medio, podremos crear.

¿Cuáles son los niveles de creación?
1- La creación puede ser un simple estado de necesidad de vida, la respiración.
2- La creación puede ser la necesidad de crear un objeto para transportar un poco de agua, un recipiente.
3- La creación puede ser un recipiente con adornos a su alrededor, con eso tornándose lo que llamamos de decorado.
4- La creación puede ser algo desarrollado por nuestro conocimiento, por lo tanto memoria que inventa algo necesario para el desarrollo, un automóvil.
5- La creación puede ser algo que podrá ser utilizado en el futuro, logaritmos (creado en el sig. XVII y utilizado decenas, centenas de años después).

Por que a repetição É um estado enfadonho? ¿Por qué la repetición Es un estado tedioso? El ser humano tiene la necesidad de creación. Sensación de enfado es producida por algo lento, extenuante o temporalmente prolongado demás. La cuestión de la velocidad del tiempo.

La orden del tiempo, la orden del antes y del después, es reductible a la orden causal... La inversión del orden temporal para determinados acontecimientos, que es resultado derivado de la relatividad y de la simultaneidad, es solamente consecuencia de este hecho fundamental. Desde que la velocidad de la transmisión es limitada, existen eventos tales que ninguno de ellos puede ser causa o efecto del otro. Para tales eventos, la orden del tiempo no está definida y cada uno de ellos puede ser llamado posterior o anterior al otro (A. Einstein, Philosopher-Scientist, 1949, pg 289)

Entendamos necesidad como algo imprescindible a nuestro momento de utilización de la mente. Nuestra condición de base contradictoria, es decir, nuestro mundo social pide una existencia de verdad.

¿Qué es verdad? Verdad es un estado en donde el pensamiento, el hablar y la actitud acaban en una única realización. Este estado se hizo necesario por la forma que nuestro mundo social encontró para que podamos cohabitar. La verdad, por lo tanto, es una realidad vista por la mayoría que posee el poder de autoridad y así, imparte este comportamiento para una convivencia supuestamente armónica.

Al entrar en contradicción, estaremos viviendo en un momento que no es equilibrado con nuestro método de vida social. La creación podrá modificar este estado, por eso las leyes son uso y costumbre.

Así, la verdad se torna relativa al momento y lugar en la cual es empleada. Con este escribir, podrá adoptar como unidad de Ley única la siguiente frase: “el único estado cierto en el universo es lo incierto”. Percibiremos así que la mutación, la inconstancia, son momentos eternos.

Entonces llegamos a la cuestión. ¿Qué es la realidad?

El tiempo absoluto verdadero y matemático, en la realidad y por su naturaleza, sin relación con alguna cosa de externo, fluye uniformemente (acquabilter) y se llama también de duración. El tiempo relativo aparente y común, es una medida sensible y externa de la duración por medio del movimiento. (Isaac Newton, Naturalis philosophiae principia, I, def. VIII)

Por el análisis físico de la vida, no es posible la repetición igual, nuestra percepción por lo tanto no es profunda y de allí no cansamos de estados observados superficiales como repetidos.

Nuestra mente tiene un límite de su profundización, la cuestión ‘freír la mente para pensar’. La mayoría de los seres humanos tiene un comportamiento superficial cuanto a la cuestión de la abstracción. Vamos a usar como ejemplo el mundo matemático. El álgebra es de un contenido que pocos humanos pueden comprenderla. El arte abstracto pide una composición mental al punto de un redescubrimiento de uno mismo, para poder analizarlo. La psicología desarrolla esta cuestión.

El arte conceptual es un desarrollo que busca saber qué lugar/espacio ocupo, en qué tiempo vivo. En estos análisis tengo que comprender mis composiciones históricas sociales y buscar mis estados de amnesia y lo mejor que está por venir: la creación.

Futuro no significa un ahora que todavía no se tomó actual, y que quedará, sino el “infuturo” por el cual el Ser-aquí llega a sí mismo, por medio de su más propio poder ser. La anticipación torna el Ser-aquí auténticamente ‘capaz de llegar’, de suerte que la propia anticipación es posible solamente porque el Ser-aquí en general ya siempre llegó a sí mismo. (Martin Heidegger, Sein und Zeit, § 65)

Creación: momento del imposible. Estado de plenitud en donde mi desconocimiento habita en todo. En este momento el ser-profeta se revela en artista, crea lo increado.



TERRITÓRIO

A arte se realiza em produção. Esta manifestação vinga em forma de conjuntura; seu módulo trata da diferença variável, portanto: aleatória da potência do indivíduo em reconhecer seu meio. O meio se representa em valor; valor como emoção, valor como condição financeira. Estes conceitos pedem certa estabilidade “territorial”. Existindo com o território, teremos um produto vetorial que se qualifica e se caracteriza como o efeito do afeto.

“O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem: uma corda sobre um abismo”. (Friedrich Nietzsche)

Este território pede uma administração sobre o chamado estado soberano que compreende a sua ocupação. Este solo com jurisdição própria se mapeia para obter uma condição defendida da invasão. Quem é o invasor? A questão da espécie...

Espécie se categorizasse por um determinado gênero, estes indivíduos (do latim *individuus* = indivisível), sem dúvida de semelhança morfológica, geram descendentes.

“Somente como indivíduo um homem pode se tornar filósofo”. (Karl Jaspers)

O estado socializante, a vida em ‘sociedade’, entenda-se: “todos sócios”; para o modo criador, dissimular-se ou até mesmo se disfarçar para que a construção de pensamentos exista.

SIGNO

Objeto do fenômeno que apresenta e representa séries de situações, o signo cria um indicativo preponderante sobre a observação linear. O propósito, a intenção de circuito que descreve um trajeto, portanto: *movimento contínuo* de ir e tornar-se. Como descolamento, estas vias de comunicação propagam uma ‘fluidiza’ no mundo das ideias, excretando o interno essencial.

“A angústia é a vertigem da liberdade”. (Soren Kierkegaard)

Na ordem da transmissão, a derivação desloca seres artísticos, profetas para um reconhecimento de trânsito. O organismo se retrata em público. O efeito é circular. Itinerância, o transitar desloca a capacidade a partir do estado de consciência, o eu exerce sobre a matéria seu conjunto simbólico. Instituinto uma manifestação de função. Aportando um lugar. Lugar disforme, um ponto invocatório, que corrobora com o dispositivo afirmativo que justifica a menção decorrente a um momento profético. Este *índice* alega a consciência, com sentido de percepção, ocasionando um sistema de valores, de aprovação e desaprovação, as condutas mostram convicção e discernimentos comuns. Atingindo a oralidade e éticas preestabelecidas.

“Somos todos mediadores, tradutores”. (Jacques Derrida)

Neste entendimento, a problemática do ser pensante dá a faculdade ao princípio de propriedade interior, associando à implementação de qualidade.

MOMENTO

O processo de identidade e semelhança existe desde fenômenos naturais. Esta articulação, e portanto assimilação, causa no “sócio” um ambiente sincrônico. Aquele que sofre, o absorvido, perde sua coarticulação, mesmo assim assemelha-se. O coletivo abrange um pertencimento, cujas entidades trazem um conjunto de inteireza. Este estado de inteiro, por mais que seja alegórico, ‘numeraliza’ o conteúdo de pertencimento. Mantém por período determinado e, assim, sob determinadas condições, geralmente latentes, cria um desenvolvimento desfavorável à preparação do elaborar, descrendo e trazendo um ‘deslabor’ de simplesmente persuasão. O estado incubador poderá adquirir uma moléstia íntima. A atividade do indivíduo de produzir bens pede a criatividade, e esta alimentação é responsável pelo cultivo e fortalecimento da constituição de empresariar. Este organismo deve produzir existindo, executar seu dom, sua técnica nos meios materiais. Suas oficinas, em atividade de trabalho, criam uma comunicação entre técnica e habilidade, comprometendo a missão humana. A comunicação dá autoridade de caracterizar as atribuições cerimoniosas.

O sinal pontua, estes símbolos de qualquer natureza introduzem um dispositivo de exibição, até fantasioso; suas particularidades são videntes e, talvez uma característica, existem para serem assistidas de forma vertical, apresentam-se como vestido do corpo para seu conteúdo alojar em acessórios apropriados e inapropriados, como se seu personagem se deturpasse na tentativa de ser.

“A questão da existência nunca é explicada, exceto pelo próprio existir”. (Martin Heidegger)

MEMÓRIA CRIAÇÃO

O substantivo concernente aos fatos memoráveis habita no lembrar de momentos das operações cognitivas efetuadas em uma diligência que urge na realização de competência da lembrança. O digno de ser memorável apresenta o selo de guarda.

“Não há nada em nosso íntimo, exceto o que nós mesmos colocamos lá”. (Richard Rorty)

A substância, a essência necessita do predicativo para exprimir características e aspectos. Estes morfemas, abstratos e materiais, denominam os animados e inanimados, que se completam. A qualidade versus quantidade se nomenclatura em estados concretos, mesmo internamente.

A criação, como efeito de existência, concebe a produção artística, intelectual, até consciente. Para esta elaboração e concepção, a questão divina da elaboração advém da capacidade susceptível de um sintagma nominal. Cultivar nutrientes do conhecimento distingue a forma e conteúdos evolutivos aos valores intelectuais.

O complexo de atividades de condições propícias a instituir a criação, a experimentação consciente, nos traz um atributo de investigação ontológica refletida e, ultrapassando as aparências, estes princípios contribuem para os saberes metafísicos de procedimentos argumentativos das incondicionadas dimensões lógico- dedutivas.

“A base e o solo sobre o qual todo o nosso conhecimento e aprendizado repousa, é o inexplicável”. (Arthur Schopenhauer)

Busca-se compreender as verdades primeiras das relações práticas e teóricas, que determinará o caráter prescritivo da realidade circundante do universo da criação. Ao compreender-se a si mesmo, as consequências serão apropriadas.

VEÍCULO

Os meios de transportes, os meios condutores, pedem informações do lugar. O ser enquanto *viatura* se apresenta como condutor de si próprio, nesta transmissão a ser difundida.

O fazer que tenha a existência concreta pede o efetuar de um “projeto” constituído de produção para poder cumprir a conversão social, ou seja: o valor emocional e o valor material, cumprindo assim seu ideal/real como meta de vida.

“A sociedade é dependente de uma crítica às suas próprias tradições”. (Jürgen Habermas)

Viva. Propriedades de características organizam a existência e, nesta evolução do nascimento à morte, fazem da atividade uma constituição por extensão do sentido. Mas a metonímia existe pela atividade em sociedade, assim, o tempo de existência, com sabedoria, portanto: a compreensão do ‘funcionamento da coisa’ gera classificações de espécie e o artista, com seu *entusiasmo*, abaliza o *sustentamento* para o enfrentamento criativo, assim como a biografia como currículo nos traz um sentido figurado para com as atividades ordinárias, caracterizando assim a época.

“Como uma experiência está ela própria dentro da totalidade da vida, a totalidade da vida também nela está presente”. (Hans-Georg Gadamer)

Mas o lugar como espaço interno, motivação da alma, pede a ‘lideração’ de uma vista profética, onde firma a vinda da felicidade como movimento sublime acima da crise e penúria, compreendendo seu tamanho e densidade; neste momento/estado o artista/criador vaticina, neste estado oracular, *externiza* o etéreo deífico prodigioso do sagrado, criando o sobrenatural.

MOMENT

TERRITORY

Art is realized in production. This manifestation matures in conjuncture; its module addresses a variable difference, hence: random from the individual's potential in recognizing its means. The means is represented in value; value as emotion, value as a financial condition. These concepts request certain “territorial” stability. Existing with the territory is a vectorial product that is qualified and is characterized as the effect of affection.

“Man is a rope stretched between the animal and the Superman: a rope over the abyss”. (Friedrich Nietzsche)

This territory requests administration over the so-called sovereign state that grasps its occupation. This soil with self-jurisdiction is mapped to obtain a condition defended from trespassing. Who is the trespasser? A matter of species... Species is categorized by a determined genus, these individuals (from the Latin word *individuus* = indivisible), without any doubt of morphological mimicry, beget descendants.

“Only as an individual can Man become a Philosopher”. (Karl Jaspers)

The socializing state, life in ‘society’, understood as: “all members”; for a creative mode, is dissimulated or is really even disguised for the building of thoughts to exist.

ASYMMETRY

The process of identity and mimicry exists from natural phenomena. This articulation, and therefore assimilation, causes a synchronous “member” environment. That, which suffers, the absorbed, loses its coarticulation and even so is assimilated. The collective embraces a belonging, where member entities provide an assemblage of entirety. This entire state, no matter how allegorical, ‘numeralizes’ the content of belonging. Such is maintained for a determined period and, thus, under generally latent, determined conditions, creates unfavorable development to the preparation of detailing, demoralizing and adding the ‘unproductiveness’ of simple persuasion. The incubator state may acquire an intimate disorder. The individual activity of producing requests creativity and this nourishment is responsible for cultivating and strengthening an endeavoring constitution. This organism must produce by existing, crafting its gift, its technique on material means. Its workshops, in working activity, create a communication between technique and skill, compromising the human mission. Communication affords the authority of characterizing ceremonious attributions.

The mark punctuates, these symbols of whatever nature introduce a device of, even fanciful, display; its visionary and, perhaps characteristic,

particularities exist to be vertically assisted and are presented as body dressing for its content to shelter in appropriate and inappropriate accessories, as if its personage would be misrepresented in the attempt of being.

“The question of Being is never explained, other than by actually being”. (Martin Heidegger)

SIGN

Object of phenomenon that presents and represents a series of situations, the sign creates a prevailing indication on the linear observation. The purpose, the intention of the circuit that describes the course, hence: the *continuous movement* of going and becoming. As detachment, these lines of communication propagate ‘fluidness’ in the world of ideas, excreting the internal essence.

“Anguish is the dizziness of freedom”. (Soren Kierkegaard)

In order of transmission, derivation moves artistic beings, prophets to acknowledge passage. The organism is portrayed in public. The effect is circular. Itinerancy, passage moves capacity from the state of consciousness, the ego works its symbolic assemblage on the material. Instituting a manifestation of function. Harboring a place. Shapeless place, a point of invocation, which corroborates with the affirmative device that justifies the mention arising from a prophetic moment. This *indicator* alleges consciousness, with a perceptive sense, occasioning a system of values, of approval and disapproval, conducts show common conviction and discernments. Attaining pre-established orality and ethics.

“We are all mediators, translators”. (Jacques Derrida)

In this understanding, the problematic of the thinking being grants inherent power to the principal of the interior property, associating the implementation of quality.

MEMORY CREATION

The substantive concerning memorable facts abide in the recall of moments from cognitive operations engaged in needed diligence in realizing the competence of recollection. The worthiness of being memorable presents the guarding seal.

“There is nothing deep down inside us, except what we have put there ourselves”. (Richard Rorty)

The substance, the essence needs the predicate to express characteristics and aspects. These abstracts and material morphemes denominate the animate and inanimate states, which complete each other. Quality versus quantity falls to nomenclature in concrete states, even internally.

Creation, as an effect of existence, conceives an artistic, intellectual, even conscious, production.

For this detailing and conception, the divine question of detailing arises from susceptible capacity of a nominal syntagma. Cultivating nutrients of awareness distinguishes the evolutive form and contents to intellectual values.

The complex activities of conditions propitious to instituting creation, conscious experimentation, brings us an attribute of reflected ontological investigation and, exceeding appearances, these principals contribute to the metaphysical knowledge of argumentative procedures of unconditioned logical-deductive dimensions.

“The fundament upon which all our knowledge and learning rests is the inexplicable”. (Arthur Schopenhauer)

Understanding is sought of the primary truths of practical and theoretical relationships, which will determine the prescriptive character of the encircling reality from the universe of creation. Upon self-understanding, the consequences will be appropriate.

VEHICLE

The means of passage, the driving means, request information of the place. The being while in *passing* is presented as its own driver, in this transmission of being diffused.

Performance that has concrete existence requests the engagement of a “project” constituting production in order to fulfill social conversion, that is: emotional value and material value, thus fulfilling its ideal/real as the goal of life.

“Society is dependent upon a criticism of its own traditions”. (Jürgen Habermas)

Living. Properties of characteristics organize existence and, in this evolution from birth to death, make a constitution of the activity by extending the sense. Yet metonymy exists by activity in society, thus, time of existence, with knowledge, hence: the understanding of the ‘functioning of the thing’ generates classifications of species and the artist, with his *enthusiasm*, guides the *sustentation* towards creative confrontation, just as a biography, as well as a curriculum, brings us a figured sense towards ordinary activities, thus characterizing the epic.

“Just as an experience is itself part of the totality of life, the totality of life is also present therein”. (Hans-Georg Gadamer)

Yet the place as internal space, spiritual motivation, requests the ‘lead’ of a prophetic insight, where the coming of joy is set as sublime movement above crisis and penury, on understanding its size and density; at this moment/state, the artist/creator prophesizes, in this oracular state, *externalizing* the prodigious, ethereal deifier of the sacred, creating the supernatural.

MOMENTO

TERRITORIO

El arte se realiza en producción. Esta demostración logra en forma de coyuntura; su módulo trata de la diferencia variable, así: aleatoria de la potencia del individuo en reconocer su medio. El medio está representado en valor; valor como emoción, valor como condición financiera. Estos conceptos requieren cierta estabilidad “territorial”. Existiendo con el territorio, tenemos un producto vectorial que se califica y se caracteriza como el efecto del afecto.

“El hombre es una cuerda tendida entre el animal y el superhombre: una cuerda sobre un abismo.” (Friedrich Nietzsche)

Este territorio requiere una administración sobre el llamado estado soberano que comprende su ocupación. Este suelo con jurisdicción propia mapease para obtener una condición defendida de la invasión. ¿Quién es el invasor? La cuestión de la especie ... Especie categorizarse por un género en particular, estos individuos (del latín *individuus* = indivisible), sin duda de similitud morfológica, generan descendentes.

“Solamente como un individuo un hombre puede tornarse un filósofo.” (Karl Jaspers)

El estado socializante, la vida en la “sociedad”, es decir: “todos socios”; para el modo criador, disimularse, o incluso disfrazarse para que la construcción de pensamientos exista.

ASIMETRÍA

El proceso de identidad y similitud existe desde fenómenos naturales. Esta articulación, y por lo tanto asimilación, causa en el “socio” un ambiente sincrónico. El que sufre, el absorbido, pierde su coarticulación, aún así asemejase. El colectivo abarca un pertenecimiento, cuyas entidades traen un conjunto de la entereza. Este estado de entero, aunque sea alegórico, ‘numeraliza’ el contenido de pertenecimiento. Mantiene durante un período determinado, y luego, en determinadas condiciones, por lo general latentes, crea un desarrollo desfavorable a la preparación del elaborar, descreyendo y trayendo un ‘deslabor’ de simplemente persuasión. El Estado incubador podrá adquirir una molestia íntima.

La actividad del individuo para producir bienes requiere la creatividad, y esta alimentación es responsable por el cultivo y fortalecimiento de la constitución de empresarial. Este organismo debe producir existiendo, ejecutar su don, su técnica en los medios materiales. Sus talleres, en actividad de trabajo, crean una comunicación entre técnica y destreza, comprometiendo la misión humana. La comunicación da autoridad para caracterizar los deberes cerimoniosos.

La señal indica, estos símbolos de cualquier naturaleza que introducen un dispositivo

de exhibición, incluso fantástico; sus particularidades son videntes y tal vez una característica, existen para ser miradas de forma vertical, presentanse como vestido del cuerpo para su contenido alojarse en accesorios apropiados e inapropiados, como si su personaje deturparase en el intento de ser.

“La cuestión de la existencia nunca puede liquidarse, sino por medio del existir mismo” (Martin Heidegger)

SIGNO

Objeto del fenómeno que presenta y representa series de situaciones, el signo crea un indicativo preponderante sobre la observación lineal. El propósito, la intención de circuito que describe una trayectoria, así: *movimiento continuo* de ir y llegar a ser. Como desprendimiento, estas vías de comunicación propagan una “fluidiza” en el mundo de las ideas, excretando el interno esencial.

“La angustia es el vértigo de la libertad.” (Soren Kierkegaard)

En el orden de la transmisión, la derivación desplaza seres artísticos, profetas para un reconocimiento de tránsito. El organismo se retrata en público. El efecto es circular. Itinerancia, el transitar desplaza la capacidad a partir del estado de conciencia, el yo ejerce sobre la materia su conjunto simbólico. Instituyendo una demostración de función. Encaminando un lugar. Lugar deforme, un punto invocatorio, que corrobora con el dispositivo afirmativo que justifica la mención debida a un momento profético. Este *índice* pretende la conciencia, con un sentido de percepción, ocasionando un sistema de valores, de aprobación y desaprobación, las conductas muestran convicción y discernimientos comunes. Alcanzando la oralidad y éticas preestablecidas.

“Todos somos mediadores, traductores.” (Jacques Derrida)

Viva. Propiedades de características organizan la existencia y, en esta evolución desde el nacimiento hasta la muerte, hacen de la actividad una constitución por extensión del sentido. Pero la metonimia existe por la actividad en sociedad, por lo que, el tiempo de existencia, con sabiduría, así: la comprensión del ‘funcionamiento de la cosa’ genera clasificaciones de especie y el artista, con su *entusiasmo*, baliza el *sustentamiento* para el enfrentamiento creativo, así como la biografía como currículo nos trae un sentido figurado para las actividades ordinarias, por lo que caracteriza la época.

MEMORIA CREACIÓN

El sustantivo concerniente a los factos memorables habita en el acordarse momentos de las operaciones cognitivas efectuadas en una diligencia que urge a la realización de competencia del recuerdo. El digno de ser memorable presenta el sello de guardia.

“No hay nada tan profundo dentro de nosotros, excepto lo que hemos puesto nosotros mismos.” (Richard Rorty)

La sustancia, la esencia necesita el predicativo para expresar características y aspectos. Estos morfemas, abstractos y materiales, denominan los animados e inanimados, que completanse. La calidad versus a cantidad nomenclatúrase en estados concretos, incluso internamente. La creación, como efecto de existencia, concibe la

producción artística, intelectual, aún consciente. Para esta elaboración y concepción, la cuestión divina de la elaboración adviene de la capacidad susceptible de un sintagma nominal. Cultivar nutrientes del conocimiento distingue la forma y contenidos evolutivos a los valores intelectuales.

El complejo de actividades de condiciones propicias a instituir la creación, la experimentación consciente, nos trae un atributo de investigación ontológica reflejada y, superando las apariencias, estos principios contribuyen a los saberes metafísicos de procedimientos argumentativos de las incondicionadas dimensiones lógico-deductivas.

“El fundamento y el suelo sobre el que reposan todo nuestro conocimiento y toda ciencia es lo inexplicable” (Arthur Schopenhauer)

Buscase entender las verdades primeras de las relaciones prácticas y teóricas, que determinará el carácter prescriptivo de la realidad circundante del universo de la creación. Al comprenderse a sí mismo, las consecuencias serán apropiadas.

VEHÍCULO

Los medios de transportes, los medios conductores, piden informaciones del lugar. El ser en cuanto vehículo presentase como conductor de si propio, en esta transmisión a ser difundida.

El hacer que tenga la existencia concreta requiere el efectuar de un “proyecto” que consiste en producción con el fin de cumplir con la conversión social, es decir: el valor emocional y el valor material, cumpliendo así su ideal / real como meta de vida.

“La sociedad depende de una crítica de sus propias tradiciones.” (Jürgen Habermas)

Viva. Propiedades de características organizan la existencia y, en esta evolución desde el nacimiento hasta la muerte, hacen de la actividad una constitución por extensión del sentido. Pero la metonimia existe por la actividad en sociedad, por lo que, el tiempo de existencia, con sabiduría, así: la comprensión del ‘funcionamiento de la cosa’ genera clasificaciones de especie y el artista, con su *entusiasmo*, baliza el *sustentamiento* para el enfrentamiento creativo, así como la biografía como currículo nos trae un sentido figurado para las actividades ordinarias, por lo que caracteriza la época.

“Como una experiencia está en sí misma dentro de la totalidad de la vida, la totalidad de la vida está presente allí también.” (Hans-Georg Gadamer)

Pero el lugar como espacio interno, motivación del alma, requiere la “lideracción” de una visión profética, donde firma la venida de la felicidad como movimiento sublime por encima de la crisis y penuria, comprendiendo su tamaño y densidad; en este momento/estado el artista/creador vaticina, en este estado oracular, *externiza* lo etéreo deífico prodigioso del sagrado, creando el sobrenatural.

Charles Castleberry • fotografia: Tácito, Fernando Durão, Luciana Mendonça • Veículo #5 - distribuição gratuita - tiragem: 1000 exemplares - impressão: Gráfica EGB - papel couche 115g • procoaooutubroaberto.blogspot.com.br • edição virtual dos Veículos estão disponíveis para download no www.livro-virtual.org.



SELO COMO FACE DO ARTISTA, FACE A REVELAÇÃO, O SEMBLANTE.

O SEMBLANTE ENQUANTO ROSTO REPRESENTA PARTE DO CORPO HUMANO, QUE NO ESTADO É O PRÓPRIO ARTISTA.

ARTISTA DE ARS, ARTESÃO, ASSIM: CRIAÇÃO.

Selo como face do artista, face a revelação, o semblante. O semblante enquanto rosto representa parte do corpo humano, que no estado é o próprio artista. Artista de *Ars*, artesão, assim: criação.

O artista no contemporâneo é e está performático. Onde a arte é o todo, mas o todo não é arte! O artista revelador de sua autonomia se expõe com sua face/selo onde apresenta sua assinatura, esta '*assinatura*' transporta a marca *realizatória*. Expondo sua metalinguagem em questões reais.

A metalinguagem como *hyperlink* se modifica no virtual, atingindo assim: o Real. A composição, que é realizadora, marca a compreensão dos estados, níveis de saberes, níveis de conhecimento, existindo através destes estados, os níveis de consciência são e estão alterados.

A ARTE IMPRESSA, A ARTE REAL, TRANSFIGURA SUA ORIGEM, SENDO A COISA QUE SE TORNA OBJETO E O MESMO EXISTE EM OBRA. ESTA OBRA EM SUA CONCEPÇÃO TEM PERTINÊNCIA AO ESCOLHIDO. A GEOMETRIA DESTE DESENVOLVIMENTO COMPREENDE O MOVIMENTO CRIACIONAL QUE ESTÁ CADA VEZ MAIS CONSCIENTE NO HOJE-CONTEMPORÂNEO, QUE QUALIFICA DENTRO DA QUANTIDADE UM ESTADO DE MISTÉRIO, PORÉM, SEMIÓTICO, EMBASADO PELO ESTADO DE CONSCIÊNCIA QUE A AMNÉSIA TORNA E CONTA O PRESENTE MOMENTO DA CRIAÇÃO.

O modelo identificador do gênero humano não se torna diáfano no sistema multiverso, que só pode ser tratado em plenitude.

A correspondência da consciência só é autêntica no estar vivo. Mas por vezes o vivo não está consciente! Este estado de 'pulsar' que poderá documentar o estado de propriedade ao ter ciência do estigma, ou chancela de seu material realizado em determinado suporte que adesivará seu *modus* linguístico.

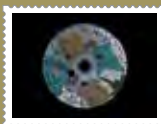
Esta propriedade inviolável torna-se, ao sistema social, a condução da obra de arte, hoje não tão dependente de sua localização.

O modelo figurado se representa como protetor de um ato de criação, '*chancelando*' a efígie característica do estar a par com o conceito metafísico e se transporá no físico assim, seu caminho será selado, mas no contínuo desaparecerá. Este estado participante coloca o todo de forma facetada, mas seus ingredientes comporão um movimento do instantâneo claro e sensível, com isto, o ser estará artista no pós-contemporâneo.

Este estado caracterizado vinga com conteúdo pertinente ao momento factual que publica o sistema humano e suas lateralidades. Correspondendo a uma superfície esférica de autonomia e autoria marcante. Assim, este relevo assiste figurativamente em realidade!

A *metaexistência* artística compõe o caminhar transdisciplinar ilimitado. A interlaboração manifesta poéticas em cenas museográficas diferenciadas, com isto alterando seu campo expandido onde as instituições renovam seus *status* e o conteúdo é pertinente à criação *extática*.

As práticas são processos midiáticos, com efeito-causa causa-efeito, partindo da expressividade dos conceitos de integração atemporais. Propostas renovam e inovam interações *fruidoras*, alcançando momentos antropológicos.



STAMP

THE STAMP AS THE ARTIST'S FACE, THE FACE OF REVELATION,COUNTENANCE.

THE COUNTENANCE AS THE FACE REPRESENTS PART OF THE HUMAN BODY,

WHILE IN THAT STATE IT IS THAT OF THE OWN ARTIST.

ARTIST OF THE AIRS, CRAFTSMAN, AND SO: CREATION.

The stamp as the artist's face, the face of revelation,countenance. The countenance while a face represents part of the human body, which while in that state it is that of the own artist. Artist of the Airs, craftsman, and so: creation.

The artist in the contemporaneous is and will be performative. Where the art is everything, but everything is not art! The artist revealer of his autonomy exposes himself with his face/stamp where he presents his signature, that 'signature' transports a realized mark. Exposing his metalanguage in real terms.

Metalanguage with hyperlink modifies in the virtual, reaching like this: the Real. A composition, that is realizing, marking comprehension of the states, levels of knowing, levels of understanding, existing through these states, the levels of consciousness are an will be altered.

PRINTED ART, THE REAL ART, TRANSFIGURES ITS ORIGIN, A BEING THAT CAN TRANSFORM ITSELF INTO AN OBJECT AND AT THE SAME TIME EXISTS IN WORK. THIS WORK DURING CONCEPTION IS PERTINENT TO THE CHOSEN. GEOMETRY OF THIS PROGRESSION COMPREHENDS THE CREATIVE MOVEMENT THAT IS COGNIZANT OF THE CONTEMPORARY NOW, THAT QUALIFIES ITSELF WITHIN THE QUANTITY OF A MYSTERIOUS STATE, NEVERTHELESS, SEMIOTIC, GROUNDED BY THE STATE OF THE CONSCIOUS THAT IS AMNESIA BECOMES AND TELLS THE PRESENT MOMENT OF CREATION.

The model indicator of human genre does not become diaphanous in the multiverse system, which can only be handled with plenitude.

The correspondence of consciousness is only authentic in the living being. But many times the living isn't conscientious! That state of 'pulsing' that might document the state of propriety upon receiving the science of stigma, or seal of the material realized in determined support that will adhere to the linguistic model.

This propriety model becomes, to the social system, the conductor of the work of art, today it is not so dependent on location.

The figured model represents itself as protector to one act of creation, 'sealing' the effigy characteristic of being a pair with the metaphysical concept and transports itself in the physical, this way, the path will be sealed, but will disappear in continuity. That participating stage places everything in faceted terms, but with ingredients composes a movement from the clear instantaneous and sensible, with this, the artistic individual will be an artist in the post contemporary.

This characterized state wreaks of pertinent content relating to the factual moment that publicizes the lateral human system. Corresponding to a spherical surface of autonomy and impressive authorship. This way, this relief figuratively assists in reality!

The artistic metaexistence composes the unlimited transdisciplinary path. The interworking manifests poetry in differentiated museografic scenes, and in so doing alter its expanded camp where the institutions renew their status and the content is pertinent to its ecstatic creation.

The practices are media processes with cause-effect, departing from expressiveness of concepts of timeless integration. Propositions renew and invigorate fruitful interactions, reaching anthropological moments.

SELO

SELLO COMO CARA DEL ARTISTA, CARA A LA REVELACIÓN, EL SEMBLANTE.

EL SEMBLANTE MIENTRAS ROSTRO, REPRESENTA PARTE DEL CUERPO HUMANO, QUE EN EL ESTADO ES EL MISMO ARTISTA.

ARTISTA DE ARS, ARTESANO, ASÍ: CREACIÓN.

Sello como cara del artista, cara a la revelación, el semblante. El semblante mientras rostro, representa parte del cuerpo humano, que en el estado es el mismo artista. Artista de *Ars*, artesano, así: creación.

El artista en el contemporáneo, es y está performático. ¡En donde el arte es el todo, pero el todo no es arte! El artista revelador de su autonomía se expone con su cara/sello en donde presenta su signatura, esta 'signatura' transporta la marca realizadora. Exponiendo su metalenguaje en cuestiones reales.

El metalenguaje como hyperlink se modifica en lo virtual, alcanzando así: lo Real. La composición, que es realizadora, marca la comprensión de los estados, niveles de saber, niveles de conocimiento, existiendo a través de estos estados, los niveles de conciencia son y están alterados.

EL ARTE IMPRESO, EL ARTE REAL, TRANSFIGURA SU ORIGEN, SIENDO LA COSA QUE SE TORNA OBJETO Y EL MISMO EXISTE EN OBRA. ESTA OBRA EN SU CONCEPCIÓN TIENE PERTINENCIA AL ESCOGIDO. LA GEOMETRÍA DE ESTE DESARROLLO COMPRENDE EL MOVIMIENTO CREAACIONAL QUE ESTÁ CADA VEZ MÁS CONCIENTE EN EL HOY-CONTEMPORÂNEO, QUE CALIFICA DENTRO DE LA CANTIDAD UN ESTADO DE MISTERIO, NO OBSTANTE, SEMIÓTICO, BASADO POR EL ESTADO DE CONCIENCIA QUE LA AMNESIA TORNA Y CUENTA EL PRESENTE MOMENTO DE LA CREACIÓN.

El modelo identificador del género humano no se torna diáfano en el sistema multiverso, que solamente puede ser tratado en plenitud.

La correspondencia de la conciencia solamente es auténtica en el estar vivo. ¡Pero a veces lo vivo no está consciente! Este estado de 'pulsación' que podrá documentar el estado de propiedad al tener conocimiento del estigma, o marca de su material realizado en determinado soporte que adhesivará su *modus* lingüístico.

Esta propiedad inviolable se torna, al sistema social, la conducción de la obra de arte, hoy no tan dependiente de su localización.

El modelo figurado se representa como protector de un acto de creación, 'marcando' la efígie característica de estar a la par con el concepto metafísico y se transpondrá en lo físico así, su camino será sellado, pero en lo continuo desaparecerá. Este estado participante coloca el todo de forma facetada, pero sus ingredientes compondrán un movimiento del instantáneo claro y sensible, con esto, el ser estará artista en el pos-contemporáneo.

Este estado caracterizado prevalece con contenido pertinente al momento factual que publica el sistema humano y sus lateralidades. Correspondiendo a una superficie esférica de autonomía y autoria marcante. ¡Así, este relieve assiste figurativamente en realidad!

La metaexistencia artística compone el caminar transdisciplinar ilimitado. La interlaboración manifiesta poéticas en escenas museográficas diferenciadas, con esto alterando su campo expandido en donde las instituciones renuevan sus status y el contenido es pertinente a la creación extática.

Las prácticas son procesos mediáticos, con efecto-causa causa-efecto, partiendo de la expresividad de los conceptos de integración atemporales. Propuestas renuevan e innovan interacciones de fruición, alcanzando momentos antropológicos.

A ARTE ESCRUTANTE

O MOMENTO DA IMERSÃO, ESTA IMERGÊNCIA É UM ESTADO DE SUBMERSÃO ONDE, O MUNDO INVISÍVEL SE REVELA, SE REVELA PARA TAMBÉM O INVISÍVEL 'DENTRO DE NÓS'.

Este conteúdo imersivo ocupa um espaço ainda não tangível, pois, a constituição desta revelação ainda está e talvez pela construção da própria existência nunca estará plenamente mapeada, assim, abrangendo em determinados pontos de relevância tentamos criar um conjunto de tópicos para organizarmos nossos significantes e significados.

Este preâmbulo desperta uma visão interna, portanto, invisível do mundo visível para iniciarmos o nosso contexto de interpretação da análise do que se apresenta e representa na arte.

A arte é virtual, ela é uma potência, sendo, poderá vir a ser, dadas as capacidades do artífice com suas faculdades e tornará factível e suscetível a função dos objetos criados. Este relacionamento do observável, que cabe, que se exhibe entre o criador do objeto e o observador do objeto é o visível: *objeto*.

TER O TERRITÓRIO

Este desenrolar tem como marco o **Veículo I**, onde é traçado o **Momento Território**.

O ato de mensurar psicanaliticamente nos tran-
consciência de ser, com isso, temos ou detemos o pens-
assim, reflexão quanto ao componente que viemos, a g-
mais o conteúdo observatório, mundo exterior, estes e-
ocorrem na região cerebral que se expandem criando
chamamos de mente, o consciente inteligível; inteligív-
padrões apresentados para todos por um grupo eleito, e-
por forma de poder. Poder como colocação política.

Com estas administrações julgadas, tentamos nos própria ocupação: ter o poder sobre nosso próprio corpo; no momento mensurável de detenção corpórea, desenvolver o poder exterior queremos preencher nosso vazio natural; a plena incompletude real de lei universal (falado anteriormente); queremos admitir, dominar outras partes que não existam; nosso involucro, corpo; assim, queremos novos territórios.

Dentro de nossa soberania, pretendemos externá-la ad
algo não pertencente naturalmente, com isto, iniciam
ocupação a partir da pequenez podendo atingir ao t
geográfico, mediante forças conseguidas.

Esta forma de aposse nos remete a propriedade, a apropriação, que poderá ser ou não concedida, pois, este estado libertário

MOMENTO TEMPO

Tempo como duração, como medida de ideia do presente, pretérito e futuro; compreendendo estes eventos sucessórios num contínuo. Onde estes períodos são considerados existentes pelo conhecimento de nossa própria existência. Este estágio não sendo especificado, não existirá condição para que estes fenômenos sejam identificados e categorizados.

A questão numérica, sendo à base de nossa civilização, é observando que o mensurar é a forma de poder compreender a nossa existência e de podermos focar em algo, assim, não nos perderemos na imensidão do infinito, que é real, este momento de plena incompletude que ciente desta realidade nos dará uma inexistência ao ponto de não subdividirmos nossa existência e assim estariamos desfigurados de personalidades onde, estas pessoas nos dão o apoio/base para compreendermos esta hierarquia social.

O momento do tempo, esta reflexão, nos revela um conteúdo sistematizado que nos dá ambientação para numericamente examinarmos onde estamos, sendo esta percepção interior da visão exterior, mas, este tipo e característica de análise sofrem influências existencialistas do passado, que podem figurar como conceitos até pré-conceitos e traumatológicos; onde a chamada normalidade nos apoia para adentra na questão tempo-numérico que nos eleve ao um estado de felicidade que poderemos chamar de completude. O sentimento de vazio, portanto negação do numerar, sempre existente, nos apresenta como causa motora de nossa existência. Limitada pelo vestido da alma, nosso corpo, se presta há determinadas realizações durante um período de tempo, este conteúdo de tempo abarca sua duração externa e sua duração interna.

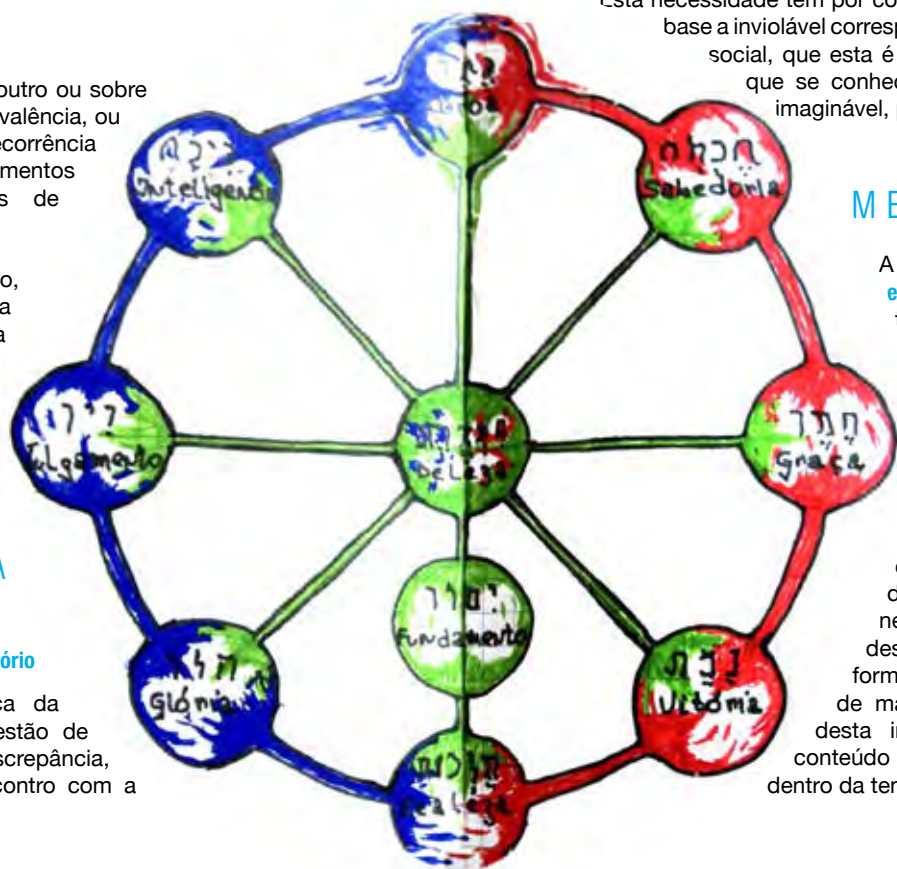
A diferença está na conscientização do estado interior dada a capacidade da saúde orgânica de um determinado momento do tempo conhecido no momento vivido.



ASSIMETRIA DIALÉTICA

Ao linear o **Veículo II Território**

I Assimetria, vamos à busca da ausência de simetria; a questão de disparidade, diferença e discrepância, aonde a simetria vai de encontro com a



conformidade, dentro das partes dispostas, que ao visitar os espelhos, contemos a linha divisória; mas, a correspondência é executada pelas proporções no conjunto destes fenômenos.

Estes estados relativos tem pertencimento ao dialético. Este conflito contraditório gerado pela contradição busca, dentro da interpretação, mundo interior, o que ocorreu nos fenômenos empíricos.

Quando os interlocutores concebem através de suas aparências, os diálogos sendo processados, neste momento inteligível, os interlocutores que realmente estão comprometidos com o processo: o raciocínio lógico formal matemático, que se encadeia para criar as ideias, visto assim no mundo aristotélico que tem por base no platonismo ligado ao diálogo em processo tende a se fundamentar no mundo das possibilidades, que requer o ser coerente na busca da verdade e que estas aparências sensíveis se tornam realidades inteligíveis.


Tese, antítese e síntese são manifestações nos pensamentos fenomenológicos humanos, dentro desta visão hegeliana, apresenta um movimento incessante. Neste caminhar os traços linguísticos criam um elemento, dentro deste dialetismo se obtém um padrão.

ARTE ASSINADA REVELAÇÃO

O revelar artístico no **Veículo III Arte Assinada**, presta-se seus desígnios simbólicos, de condução de signos, é de fundamental importância o estado criador onde o identificador assimila de forma proprietária o aspecto de atribuição da matéria em transformação, este modelo comprobatório se qualifica no recorrente semiótico, onde sua ideogenia dentro de seu ideário ocupa como sistema e identificação e significações assumem a propriedade de convertibilidade, linguística ou não, para sua exposição, que para tal operação exista, a mente tem em si o produto imaginário, e na correspondência será executado em um objeto, portanto matéria, uma expressão social.

Esta necessidade tem por conjuntura sua marca que, tem por base a inviolável correspondente educacional do sistema social, que esta é inviolável, pois, só se pensa no que se conhece. A imaginação só imagina o imaginável, pois este habita no conhecido.

MEMÓRIA ABISMO



A memória **Veículo IV Memória e Amnésia**, o memorável, por tanto o extraordinário, é um estado notável que é lembrado exatamente pelo estado de não ordem, onde esta memória se apresenta em um conteúdo disforme, pois, a convenção, o normal, o padrão nos traz a conserva. Estes modos de ter e ser são ocasionados pelo estado de julgamento, pelo estado de medida, onde o proponente negocia os seus desejos contra os desejos alheios, assim, dentro da forma poderosa existirá o momento de marca, que apontará o resultado desta interpretação que apresenta o conteúdo importante para o momento, dentro da tensão de poder, poder Ser.

O existir genético, portanto interno, básico, natural, que somente existe através da experiência, se espelhará no mundo exterior que nos apoia e nos repele, onde tentaremos não ser repetitivo na forma de viver, esta questão da repetição, apresenta o estado no ser humano que compõe sua criatividade, assim sendo, a repetição faz do momento um ato enfadonho que trava seu estado de felicidade e com isto seu realçar, sua busca pelo desconhecido, se torna estática, este estado estéril faz com que seus movimentos sejam uniformes e não criativos, organizando um momento de repetição, desfazendo a vontade de viver.

Quanto à questão da verdade, quem tem por base a completude dos fatos, as fidelidades de uma representação entraram na questão da correspondência, e até na adequação na subjetividade cognitiva da intelecção, tendo por base a observação da realidade; porém, a observação perante nossa vista, com a utilização de nossos olhos se detém na composição da genética e da mente, portanto o passado, a experiência em si mais o conteúdo momentâneos da experiência vivida, buscando uma interpretação que poderá ser analisada, assim cabe à pergunta: o que é real?

O comportamento tem por base a reflexão da existência em grupo, esta compreensão planificada, como metáfora, nos dá um dos aspectos do momento da existência, mas, no momento do impasse, o abismo, faz com que o momento se torne desconcertante, com isto criativo.

ASSIMETRIA DO TER

O **Veículo V, Território Assimétrica**, buscar a manifestação, o ato de revelar. A expressão pública, o ato de exprimir-se, pelo próprio existir é presente, pois a aparência de estar, mas, a transparência comportamental funcional, em estado consciente marcando a questão do valor, se qualifica como recebimento, ou melhor, a apresentação, a observação do não apresentador, mas, do observador, tenderá a uma troca de valor natural, onde as partes se qualificam e vertem a troca, seja, na observação, no sentimento (sensível ou insensível), conferindo a uma atribuição de bens arregrado pelo sistema social; caminhando para o extremo onde a troca financeira ocorre. Esta habilidade do manuseio do escambo existe naturalmente na natureza, já no mundo social atendem-se as regras.

Na materialidade do poder corpóreo, cada ser tem seu apego à sobrevivência, assim, protegendo seu organismo, corpo, dando seu valor, apreço pela vida, esta transmissão ocorre na teoria no campo dos valores, valores como precificação, onde cada objeto tem seu valor apreço/financeiro, com isto, o mundo econômico tem sua mobilidade criando as organizações transportadas e transformadas em juízos de valor em moeda que, tem sua origem na vivência do corpo. O preservar da vida.

O design da existência tem características naturais e as artificiais criadas em sociedades talvez embasadas em visões naturais, sendo assim, sua réplica com explicações metodológicas. A arte transmite estas informações conscientes e não, ou seja, simplesmente de forma sensível, ou melhor: criada de detenção mental, onde a rapidez do fazer é mais rápida do que o estado de consciência com método para criar uma determinada arte. Onde chamaremos de inspirada. Neste momento o condutor cria com valor, pois se apercebe e detém o método e a impulsividade.

TER O TERRITÓRIO

C O N T E Ú D O P E R T I N E N T E

Ao passarmos pelo poder de Ter (V I), começamos a compreender a Assimetria (V II), realizamos a possessão da Arte Assinada (V III), buscamos o estado de Memória e começamos a compreender a Amnésia (V IV), reaprendemos o Momento (V V), realizamos com o Selo (V VI), neste momento realizaremos o Conteúdo Pertinente **Veículo VII**.

SELO COMO METAEXISTENCIA

O conceito do **Veículo VI, Selo**, nos transmite a narrativa de transfiguração onde o caráter apresenta acontecimentos de formas gráficas, esta grafia de signos. Presente pela morfologia sendo, do aspecto, que nos distingue em espécies, como conjunto de traços psicológicos de caracterização, apresentando os grupos, e seus temperamentos que transformam os modelos, esta figura de reprodução permite que os processos se desenvolvam até uma fundição para existir em estigma.

Este selo/chancela formula a disposição para composição de uma ordem autorizada, até o momento que o poder autoritário dê a folga para uma revisão deste conceito e exista uma nova fundição.

Esta localização coexiste formam, como sistema dominante, e dentro a compreensão de si e do sistema qual se vive em reflexão, harmônico ou não. Criando assim uma meta existência, tendo como controle, controlado ou controlante a midiática. O sistema de imagética que nos abarca a todos. Todos sim, como forma de comunicação. Uma única comunicação, a saída deste comunismo abarca ter um estado criativo que pode ser estereotipado como loucura, ou seja: fora das normas.

O ato de escrever (letras): organizar para interpretar, simplesmente para passar as ideias, é constituído, portanto, tem processo, o ato de um conjunto de elementos: fonemas, morfema, palavra, sintagma, frase; vem de uma arquitetura mental que trata de algo voltado a cibersemiótica, para análise do processo de design, assim, a arquitetura expandida qualifica o estado de designio.

O fone tem sua ocupação segmental e estabelecem inventários, os morfemas criam as raízes e afixos, onde, na criação da palavra falada se expressa, se comunica, cria, portanto, a manifestação: o ato artístico ver, pensar, externar.

A palavra escrita substancializa a ação, sendo: o verbo; ao adjetivar a arte originasse, pois, acrescenta a qualidade no substantivo. A obra, sendo a frase, o sintagma existe, através deste conteúdo em forma de narrativa a coisa ganha título de obra e esta obra vive com o epíteto de obra de arte, onde, sua exposição é formada pela locução e se dá a existência do criador e do observador, unidos pela argamassa da nomeação.

A espacialidade híbrida, representa o mediático realizado pelos projetistas: os artistas, com a mentalização aberta para nos possibilitar um congruência de saída inercial em ações performativas que constituem a configuração e reconfiguração que a semiótica chama de ‘espaço psiquismo representacional’, ou seja: expandir seus limites de ação para além dos meios físicos; esta remixagem promove o estado de imagética, poderemos chama-lo de hipertexto.

HIPERTEXTO CAMINHO

O hipertexto tem sua origem nos textos pós Gutenberg, onde ao lado da redação principal tínhamos pequenos aditamentos para nos encaminhar durante a leitura, que posteriormente criou-se a leitura de rodapé. A criação da WWW (World Wide Web) foi exatamente a necessidade do hipertexto dentro do mundo científico, o trabalho utópico pede novas tecnologias, como habitamos dentro de um mundo de natureza midiática, a sociedade espelha a natureza, criando culturas.

Esta informativa fragmentária tende a se tornar complexa, pois o antropológico pede publicações, divulgações para a propagação de algo pronunciável que articula a sociedade, o articular a sociedade é um pleonasma, pois, prestando atenção, o sinônimo é visto em seu contexto na denominação taxonômica, não é válida, pois, não pertence a uma categoria sistemática, assim, não é uma descrição científica, e, sendo, o sinônimo não existe!

Entrando na análise epistemológica, reflexão geral, pertencemos ao encontro com uma dinâmica de fundir, o tratamento transdisciplinar e ciberespacial é no contemporâneo o movimento realizador, pois, onde os ‘espaços sociais’ se desprendem dos meios clássico e modernista, mas, os utilizando como camada de superfície para apropriasse, e assim, utilizar estes ingredientes para uma estrutura que organiza a filtração no habitar da comunicação.

No sentido de utilizar gerações já inseridas que possibilitaram uma gestação de comunicação em gerenciamento sistemático no ato da educação, dá uma utilidade conjuntural as reformulações de uma reconfiguração e executando um formato inovador.

NOVO INOVADOR

Este conteúdo inovador, o ato de criação, com as estruturas de informação engajadas no mundo tecnológico, onde os relacionamentos de quem habita o mundo da tecnologia, criando assim agentes especiais, onde a civilização planetária de sete bilhões de habitantes somente 3,2 bilhões estão participando diretamente desta socialização e espacialização, o restante participa realmente por fluxo osmótico.

Já o grupo eleito, por circunstancia social, receberá o conhecimento que está à frente no mundo tecnológico. A união da consistência com a inconsistência, ou seja, o onírico e realidade sem limitações pela tecnologia, desenvolveu ao ponto de socializar um novo estado onde a holografia e a economia se uniram.

HOLOGRAFIA ARTE

A holografia com propriedade e um conjunto de resultados de experiências pertinentes, o inovador usa como trampolim o verbete transdisciplinar, que ao saltar comedidamente dentro das disciplinas, principalmente dentro das interdisciplinas (Escola de Frankfurt), representam uma arte fotográfica de produção imagética tridimensional, contendo intensificamente a informação, onde, sua radiação refletida transmite não somente uma imagem, mas, o conhecimento dos saberes e esta reprodução figurativa, contendo signos e símbolos, significantes e significados através dos feixes de um laser, podendo utilizar da fonética, irradiando também sons, a comunicação é plena, e o equipamento nada mais é que uma lente retiniana.

ECONOMIA MODELO

A economia pertinente a este modelo de vivencia trata de fenômenos relacionais com a obtenção de recursos materiais, neste inovador modelo conduz a um estado da ausência do desperdício ou excessos, a distribuição e a sobra criam uma organização relacionada ao bem-esta; isto tudo só pode ocorrer pela mudança de paradigma, onde os saberes tem sua criatividade na chamada Arte Contemporânea. Esta arte é um novo modelo, uma representação de processos de ampliação na ordem da composição do pensamento criativo, onde o empirismo esta relacionado ao sonho e aos pensamentos realizantes. Surge uma nova arte-inteligencia-criativa.

ARTIFICIAL INTELIGENCIA

A Inteligência Artificial. Esta investigação sobre o raciocínio, habita no artista/projetista que mora em estado de Adepto (termo alquímico) que suas teorias e aplicações existem no momento da tomada de decisão, pois, o aprendizado já ocorreu, seus dados e parâmetros já habitam, compreende até a flexibilidade do desconhecido, ‘o terceiro incluído’.

Artificial Inteligência é o espelhamento do Ser, onde, ao querer uma comunicação externa cria um novo ser, porem não humano, fazendo assim às vezes do criador, entrar nos termos religiosos simplesmente por ser nosso conteúdo linguístico, pois, cada conteúdo é simplesmente um momento quando a captação neurocerebral dando a mente uma agilidade não egóica, mas, de vivência universal.

PARADIGMA

Utilizamos arquétipos e metáforas, vivemos em um momento de Realidades Mistas, onde, os avanços na produtividade plástica esta cada vez mais em ligação e colaboração com a inovação tecnológica chamada hoje de Tecnologia da Informação (TI). O envolvimento é transdisciplinar, pois, as disciplinas existentes no planeta participam deste Meio, a ligação esta no software e no Hardware, esta Realidade Aumentada cria o interagir onde as telas (relógio, telefone, tablete, desktop, televisão, projetores e óculos) dão lugar à lente de contato, assim apresentam um eco-holograma em que viveremos com nova viabilidade de comunicação. A educação se confundira com os jogos, as notícias com simples informações são conversas de direcionamentos contínuos para uma busca real da realização do novo paradigma: Arte é Vida!

O QUE É A VIDA E A ARTE? O ESTADO PROPÍCIO PARA EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS SIGNIFICATIVAS, ONDE, A ALMA É MANTIDA POR SER ELEVADA NESTE CAMINHAR, A BUSCA DO ENVOLVIMENTO COM O MISTÉRIO DA VIDA E DA ARTE, ESTE ESTADO INTIMO, DO DESCONHECIDO SÓ É PREENCHIDO PELA VONTADE DE CRIAR NA VIDA! CRIAR É DESCOBRIR, DESCOBRIR É: SER O MISTÉRIO.

SCRUTINIZING ART

The moment of immersion, this emergence is a state of submersion where, the invisible world is revealed, the invisible 'Inside of Us' is also revealed.

This immersive content occupies a still intangible space, since, the constitution of this revelation is still not and, perhaps by the construction of its own existence will never be fully mapped, thus, ranging in determined points of relevance, we try create a set of topics in order for us to organize our signifier and signified.

This preamble triggers an inner, therefore invisible, vision of the visible world for us to initiate our interpretive context on the analysis of what is presented and represented in art.

Art is virtual, it is a power, as such, it may come to be, given the capacities of the artifice with its skills, and will become feasible and susceptible to the function of the objects created. This relationship of the observable, which suits, which is exhibited between the creator of the object and the observer of the object is the visible: object.

TIME MOMENT

Time as duration, as a measure of the idea of present, preterit and future; embodying these successive events in a continuum. Where these periods are considered existing by knowledge of our own existence. There will not be conditions, on this stadium not being specified, for these phenomena to be identified and categorized.

The numeric question, as the base of our civilization, is observing that the measuring is a form of being able to comprehend our existence and of us being able to focus on something, this, we do not lose ourselves in the immensity of the infinite, which is real, this moment of complete unwholeness that, on being aware of this reality, will give us an inaccuracy to the point of us not subdividing our existence and thus will be disfigured of personalities where, these personas give us the support/base for us to comprehend this social hierarchy.

The moment of time, this reflection, reveals a systematized content to us that give us ambiance for us to numerically examine where we are, as this is an inner perception of outer vision, yet, this type and characteristic of analysis suffer existentialist influences from the past, which may figure as concepts even pre- and traumatological concepts; where the so-called normality help us enter the numeric-time question that lifts us to a state of happiness that we are able to call wholeness. The feeling of emptiness, therefore an ever existing denial of numerating, presents us as a driving cause of our existence. Limited by the cladding of the soul, our body, there are determined accomplishments rendered during

a period of time, to which this content of time embodies its exterior duration and its interior duration.

The difference is in the awareness of the inner state given the capacity of organic health of a determined moment of time known in the moment lived.

HAVING THE TERRITORY

This unfolding has **Vehicle I** as a milestone, where the **Territory Moment** is addressed. The act of psychoanalytically measuring transfers us to the consciousness of being, with which we have or detain the thought, thus, reflection as to the component that we see, genetics, plus the observatory content, exterior world, these stadiums occur in the cerebral region, which are expanded by what we call the mind, the intelligible consciousness; intelligible as standards presented to all by an elected group, edified by the form of power. Power as a political collocation.

With these administrations judged, we try to detain our own occupation: having power over our own body. At this measurable moment and time of bodily detention, on developing an exterior power, we want to fill our natural emptiness by creating full real unwholeness of universal law (mentioned previously), we want to admit, dominate other parts that do not exist in our casing, body; thus, we want new territories.

Within our sovereignty, we intend to externalize this by acquiring something that does not naturally belong to us, with which we initiate an occupation based on smallness and are able to attain geographical territory, by means of forces obtained.

This form of possession remits us to proprietorship, the appropriation that may or may not be granted, since, this releasing state of power, inhabits in relation to the other or over the other. Once again this equivalence, that is: this measure, suits the consequences for investitures of possessions allowed by the concepts of social conservation.

The act of comparison, which is therefore measured, gives us a similarity, a resemblance where the question of being and having and having and being reflect on instances of bonding that create the condition of relating to existence.

DIALECTICAL ASSYMETRY

On linking **Vehicle II Territory I Asymmetry**, let us seek the absence of symmetry; the question of disparity, difference and discrepancy, where symmetry steps up to meet conformity, inside the displayed parts, which on visiting the mirrors, we contain a dividing line; yet, the correspondence is executed by the proportions in the set of these phenomena.

These relative states pertain to the dialect. This contradictory conflict generated by contradiction seeks, inside the interpretation, inner world, what occurred in the empirical phenomena.

When the interlocutors conceive through their appearances, the dialogues being processed, at this intelligible moment, the interlocutors who are really committed to the process: the formal, mathematical, logical reasoning, which is brought together for creating the ideas, thus seen in the Aristotelian world has Platonism as a base, connected to the dialogue in process, tend to be grounded in the world of possibilities, which requires the coherent being in the search of truth and that these sensitive appearances become intelligible realities.

Thesis, antithesis and synthesis are manifested in phenomenological human thoughts, within this Hegelian vision, presenting an incessant movement. In this journey, the linguistic traces create an element, and within this dialethism a standard is obtained.

SIGNED ART REVELATION

The artistic revealing in **Vehicle III Signed Art**, render its symbolic designs, of conducting signs; the creative state is of fundamental importance where the identifier assimilates, in a proprietary form, the attributive aspect of material in transformation, this corroborating model is qualified in the reoccurring semiotic, where its ideogeny within its ideology occupies as system and identification and signifiers assume the proprietorship of convertibility, whether linguistic or not, for its exhibition, which for such operation to exist, the mind has the imaginary product in itself and, in correspondence, to be executed into an object, therefore material, a social expression.

This necessity has, by conjuncture, its trademark that has the inviolable corresponding educational of the social system as a basis, which is inviolable, since, it only thinks on what is known. The imagination only imagines the imaginable, since this inhabits the known.

MEMORY GAP

Memory Vehicle IV Memory and Amnesia, the memorable, therefore the extraordinary, is a notable state that is remembered exactly by the unordered state, where this memory is presented in a deformed content, since, the convention, the normal, the standard brings us preserve. These modes of having and being are occasioned by the state of judgment, by the state of measure, where the proponent negotiates its desires against random desires, thus, within the powerful form the trademark moment will exist, which will point to the result of this interpretation that presents the important content for the moment, within the tension of power, Self-power.

The genetic, therefore, inner, basic, natural, existing that only exists through experience, will be mirrored in the outer world that supports us and repels us, where we try not to be repetitive in the form of living. This question of repetition, presents the state in human beings that compose their creativity, to which repetition makes the moment a boring act that bars its state of happiness and, with this, its enhancement, its search for the unknown,

becomes static, this stereo state makes its movements become uniform and uncreative, organizing a moment of repetition, breaking down the will to live.

As for the matter of truth, whoever has the wholeness of facts as a base, the fidelities of a representation come into the matter of correspondence, and even the adequacy in the cognitive subjectivity of intellectualism, holding the observation of reality as a base; however, the observation in our view, with the use of our eyes is detained in the composition of genetics and the mind, therefore the past, the experience in itself, plus the momentary content of lived experience, seeking an interpretation that can be analyzed, which begs the question: what is real?

This planned comprehension, as a metaphor, gives us one of the aspects of the moment of existence, yet, in the moment of impasse, the gap, makes the moment become disconcerting, with this creative.

ASEMMETRY OF HAVING

Vehicle V, Territory Asymmetry, seeks manifestation, the act of revealing. The public expression, the act of expressing oneself, by existing itself is present, due to the appearance of being, yet, the functional behavioral transparency, in a conscious state marking the matter of value is qualified as receipt, or better, the presentation, the observation of non-presenter, but, of the observer will tend to be an exchange of natural value, where the parts are qualified and run the exchange, either in observation or feeling (sensitive or insensitive), conferring it an attribution of assets ordered by the social system; journeying to the extreme where the financial exchange occurs. This bartering skill naturally exists in nature, while

rules are attended to in the social world. This bartering skill naturally exists in nature, while rules are attended to in the social world.

In the materiality of bodily power, each being has its fondness for survival, thus, protecting its organism, body, affording it value, appreciation for life, and this transmission occurs, in theory, in the field of values, values like pricing, where each object has its appreciation/financial value, with which the economic world has its mobility by creating the transported and transformed organizations into coin in judgments of value that, have originated in bodily living. The preserving of life.

The design of existence has natural characteristics and the artifices created in societies possibly based in natural visions, therefore, their replica with methodological explanations. Art transmits this conscious information and not, that is, simply in a sensitive manner, or better: created from mental detention, where the quickness of making is quicker than the state of consciousness with method for creating a determined art. Which we called inspired. Where we called inspired. At this moment, the conductor creates with value, since the method and the impulsiveness is perceived and detained.

STAMP AS METAEXISTENCE

The concept of **Vehicle VI, Stamp**, transmits a narrative of transfiguration to us where the character presents occurrences of graphic forms, this spelling of signs. Present by morphology as such, of aspect, which distinguishes us in species, as a set of psychological traces of characterization, presenting the groups, and their temperaments, which transform the models, this figure of reproduction allows the processes be

developed even in casting to exist in stigma.

This stamp/seal formulates the willingness for composition of an authorized order, until the moment that the authoritarian power takes a break to review this concept and a new foundry exists.

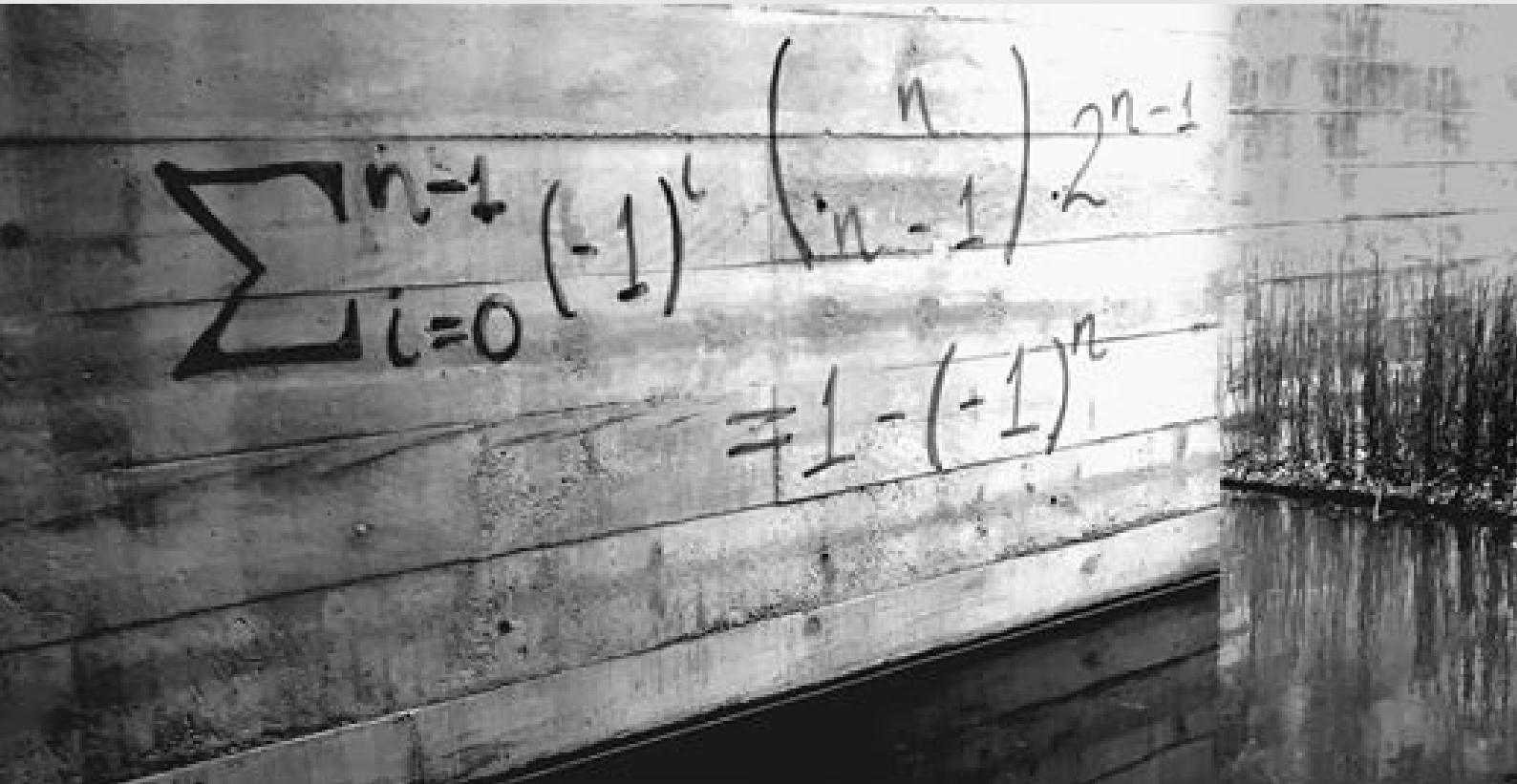
This coexisting localization forms, as a dominant system, and within comprehension itself and the system, harmonious or not, which reflection is lived. Thus creating a target existence, holding the media as control, controlled or controlling. The media system that embraces all of us. All indeed, as a form of communication. A unique communication, the output of this communism embraces having a creative state that may be stereotyped as madness, that is: beyond the rules.

PERTINENT CONTENT

As we pass through the power of Having (V I), we begin to comprehend Asymmetry (V II), we accomplish the possession of Signed Art (V III), we seek the state of Memory and we begin to comprehend Amnesia (V IV), we relearn the Moment (V V), we accomplish with the Stamp (V VI), at this point and time we accomplish the Pertinent Content Vehicle VII.

The act of writing (lettering): organizing for interpreting, simply to pass on ideas, is constituted, hence, there is a process, the act of a set of elements: phonemes, morphemes, words, syntagm, phrases; comes from a mental architecture that addresses something surrounding cybersemiotics, to analyze the process of design, thus, the expanded architecture qualifies the state of design.

Phonemes have their segmental occupation and establish inventories, morphemes create



the roots and affixes, which, on creation of the spoken word express, communicate, , create, therefore, the manifestation: the artistic act of seeing, thinking, expressing.

The written word substantializes the action, thus: the verb; on adjectivizing the the art, originates, since, it adds quality in the substantive. The work, being the phrase, the syntagm exists, through this content as a narrative, the thing gains the title of work and this work lives with the work of art epithet, where, its exhibition is formed by locution and affords the existence of creator and of observer, united by the mortar of appointment.

The hybrid spatiality represents the media accomplished by the designers: the artists, with open metalization enables a congruence of inertial output for us in performative actions that constitute the configuration and reconfiguration that semiotic calls ‘representational psyche space’, that is: expanding the limits of action beyond the physical means; this remix promotes the state of imagination, which we may call hypertext.

HYPERTEXT INSIGHT

Hypertext originated in post Gutenberg texts where, next to the main wording, there were small amendments to guide us while reading, which later created footnote reading. The creation of the (World Wide Web) was precisely the need for hypertext in the scientific world, where Utopian work requires new technologies, and as we inhabit a world of media nature, society mirrors nature, creating cultures.

This fragmented informative tends to become complex, since the anthropological requires publications, announcements for the disclosure of something pronounceable that articulates the society, the articulating to the society is a pleonasm, since, on paying attention, the synonym is seen in its context in taxonomic denomination, it is not valid, since it does not pertain to a systematic category, thus, it is not a scientific description, and, as such, the synonym does not exist!

On entering an epistemological analysis, a general reflection, we pertain to the encounter with merging dynamics; the transdisciplinary and cyberspatial treatment is in the contemporaneous, the accomplishing movement, since, where the ‘social spaces’ are detached from the classical and modernist means, however, some use this as a surface layer for appropriation, and thus, use these ingredients for a structure that organizes the filtration on inhabiting communication.

In the sense of using already inserted generations that have enabled a gestation of systematic communication management in the act of education, provides a combined utility to the reformulations of a reconfiguration and executing an innovative format.

NEW INNOVATIVE

This innovative content, the act of creation, with the structures of information engaged in the technological world, where the relationships of those who inhabit the world of technology, thus creating special agents, where, in the planetary civilization of seven billion habitants, only 3.2 billion people directly participate in this socialization and spatialization, the rest really participate by osmotic flow.

Meanwhile, the elected group, by social circumstance, will receive the leading knowledge in the technological world. The binding of consistency with inconsistency, that is, the oneiric and unlimited reality via technology, has developed to the point of socializing a new state where holography and economy are bound.



HOLOGRAPHIC ART

Holography with proprietorship and a set of results from pertinent experiences, the innovative uses the transdisciplinary entry as a trampoline, which on reservedly leaping inside the disciplines, mainly inside the Inter Disciplines (School of Frankfurt), represents a photographic art of imaginary three-dimensional production, insensibly containing information, where, its reflected radiation not only transmits an image, but, the awareness of knowledge and this figurative reproduction, containing significant and meaningful signs and symbols, through the beams of a laser, and on being able to use phonetics, irradiating sounds as well, the communication is

complete, and the equipment is nothing more than the retinal lens.

MODEL ECONOMY

The economy pertinent to this model of living addresses relational phenomena with the achievement of material resources, in which this innovative model, leads to a state of absent waste or excesses, and the distribution and windfall create an organization related to well-being; all this may only occur by the change of paradigm, where knowledge its creativity in the so-called Contemporary Art. This art is a new model, a representation of expanding processes in the order creative thought composition, where empiricism is related to dreams and to accomplishing thoughts. A new art-intelligence-creative appears.

ARTIFICIAL INTELLIGENCE

Artificial intelligence. This investigation on reasoning inhabits the artist/designer who lives in the state of Adept (alchemical term) where his theories and applications exist at the moment of making the decision, since the learning has already occurred, and his data and parameters already inhabit and comprehend even the flexibility of the unknown ‘included third element’.

Artificial Intelligence is the mirroring of the Self, where, on wanting outer communication creates a new, albeit inhuman, being, thus becoming sometimes a creator, on entering religious terms simply by being our linguistic content, since each content is simply a moment when neurocerebral capitation gives the mind, non-egoistic, yet universal living agility.

PARADIGM

We utilize archetypes and metaphors; we live in a moment of Mixed Realities, where, the advances in plastic productivity are increasingly in connection and collaboration with the technological innovation nowadays called Information Technology (IT). The involvement is transdisciplinary since the disciplines existing on the planet participate in this Environment, where the connection is in the software and the hardware. This Enlarged Reality creates the interacting where the (watch, telephone, tablet, desktop, television, projector and glasses) displays give way to the contact lens and thus present an eco-hologram in which we live with new communication viability. Education will be confused with games, the news with simple information are ongoing orientations for a real search of accomplishing a new paradigm: Art is Life!

What is life and art? The propitious stadium for meaningful emotional experiences, where, the soul is maintained by being raised in this journey, the search of involvement with the mystery of life and of art, this intimate state, of the unknown is only filled by the will to create in life! Creating is discovering, discovering is: Being the Mystery.

EL ARTE ESCRUTANTE

El momento de la inmersión, esta inmersión es un estado de sumersión, en donde el mundo invisible se revela, se revela también para lo invisible ‘Dentro de Nosotros’.

Este contenido inmersivo ocupa un espacio todavía no tangible, porque, la constitución de esta revelación todavía está y talvez por la construcción de la propia existencia, nunca estará plenamente mapeada, así, abarcando en determinados puntos de relevancia tentamos crear un conjunto de tópicos para organizar nuestros significantes y significados.

Este preámbulo despierta una visión interna, por lo tanto, invisible del mundo visible para iniciar nuestro contexto de interpretación del análisis de lo que se presenta y representa en el arte.

El arte es virtual, él es una potencia, siendo, podrá llegar a ser, dadas las capacidades del artífice con sus facultades y tomará factible y susceptible la función de los objetos creados. Este relacionamiento de lo observable, que cabe, que se exhibe entre el creador del objeto y el observador del objeto, es lo visible: objeto.

MOMENTO TIEMPO

Tiempo como duración, como medida de idea del presente, pretérito y futuro; comprendiendo estos eventos sucesorios en un continuo. En donde estos periodos son considerados existentes por el conocimiento de nuestra propia existencia. Este momento no siendo especificado, no existirá condición para que estos fenómenos sean identificados y categorizados.

La cuestión numérica, siendo la base de nuestra civilización, es observando que el mensurar es la forma de poder comprender nuestra existencia y de que podamos enfocar en algo, así, no nos perderemos en la inmensidad del infinito, que es real, este momento de plena incompletitud que conociendo esta realidad no dará una inexactitud al punto de no subdividir nuestra existencia y así estaríamos desfigurados de personalidades en donde, estas personas nos dan el apoyo/base para que comprendamos esta jerarquía social.

El momento del tiempo, esta reflexión nos revela un contenido sistematizado que nos da ambientación para numéricamente examinemos en dónde estamos, siendo esta percepción interior de la visión exterior, pero, este tipo y característica de análisis sufren influencias existencialistas del pasado, que pueden figurar como conceptos hasta preconceptos y traumatológicos; en donde la llamada normalidad nos apoya para adentrar en la cuestión tiempo-numérico, que nos eleve a un estado de felicidad que podremos llamar de completitud.

El sentimiento de vacío, por lo tanto negación del numerar, siempre existente, nos presenta como causa motora de nuestra existencia. Limitada por el vestido del alma, nuestro cuerpo, se presta a determinadas

realizaciones durante un período de tiempo, este contenido de tiempo abarca su duración externa y su duración interna.

La diferencia esta en la concienciación del estado interior, dada la capacidad de la salud orgánica de un determinado momento de tiempo conocido en el momento vivido.

TENER EL TERRITORIO

Este desarrollar tiene como marco el **Vehículo I**, en donde es tratado el **Momento Territorio**. El acto de mensurar psicoanalíticamente nos transfiere la conciencia de ser, con eso, tenemos o retenemos el pensamiento, así, reflexión cuanto al componente que vemos, la genética, más el contenido observatorio, mundo exterior, estos momentos ocurren en la región cerebral que se expanden, creando lo que llamamos de mente, el consciente inteligible; inteligible como padrones presentados para todos por un grupo elegido, edificado por forma de poder. Poder como colocación política.

Con estas administraciones juzgadas, intentamos tener la propia ocupación: tener el poder sobre nuestro propio cuerpo. En este momento mensurable de posesión corpórea, desarrollando un poder exterior, queremos llenar nuestro vacío natural creando plena incompletitud real de ley universal (hablado anteriormente), querremos admitir, dominar otras partes que no existen en nuestro envoltorio, cuerpo; así, queremos nuevos territorios.

Dentro de nuestra soberanía, pretendemos externarla adquiriendo algo no perteneciente naturalmente, con eso, iniciamos una ocupación a partir de la pequeñez, pudiendo alcanzar el territorio geográfico, mediante fuerzas conseguidas.

Esta forma de posesión nos remite a propiedad, la apropiación que podrá ser o no concedida, porque, este estado libertador de poder, habita en relación al otro o sobre el otro. Nuevamente esta equivalencia, es decir: esta medida, cabe como consecuencia de las investiduras de posesiones permitidas por los conceptos de conservación social.

Por lo tanto, el acto de comparación medida, nos trae una semejanza, un parecido en donde la cuestión del ser y tener, y tener y ser reflejan en instancias de vinculación que crea la condición de relacionar la existencia.

ASIMETRÍA DIALÉCTICA

Al enlazar el **Vehículo II Territorio I Asimetría**, vamos en la búsqueda de ausencia de simetría; la cuestión de disparidad, diferencia y discrepancia, en donde la simetría va al encuentro con la conformidad, dentro de las partes dispuestas, que lo visitar los espejos, contenemos la línea divisoria; pero, la correspondencia es ejecutada por las

proporciones en el conjunto de estos fenómenos.

Estos estados relativos pertenecen al dialéctico. Este conflicto contradictorio generado por la contradicción, busca dentro de la interpretación, mundo interior, lo que ocurrió en los fenómenos empíricos.

Cuando los interlocutores conciben a través de sus apariencias, los diálogos siendo procesados, en este momento inteligible, los interlocutores que realmente están comprometidos con el proceso: el raciocinio lógico formal matemático, que se encadena para crear las ideas, visto así en el mundo aristotélico que tiene como base en el platonismo relacionado al diálogo en proceso, tiende a fundamentarse en el mundo de las posibilidades, que requiere el ser coherente en la búsqueda de la verdad y que estas apariencias sensibles se tornan realidades inteligibles.

Tesis, antítesis y síntesis son manifestaciones en los pensamientos fenomenológicos humanos, dentro de esta visión hegeliana, presenta un movimiento incesante. En este camino los trazos lingüísticos crean un elemento, dentro de este dialectismo se obtiene un padrón.

ARTE SIGNADA REVELACIÓN

El revelar artístico en el Vehículo III Arte Signada, presta sus designios simbólicos, de conducción de signos, es de fundamental importancia el estado creador en donde el identificador asimila de forma propietaria el aspecto de atribución de la materia en transformación, este modelo comprobatorio de califica en el recurrente semiótico, en donde su ideogenia dentro de su ideario ocupa como sistema e identificación y significaciones asumen la propiedad de convertibilidad, lingüística o no, para su exposición, que para tal operación exista, la mente tiene en sí el producto imaginario, y en la correspondencia será ejecutado en un objeto, por lo tanto materia, una expresión social.

Esta necesidad tiene por coyuntura su marca, que tiene como base la inviolable correspondiente educacional del sistema social, que ésta es inviolable, porque, solamente se piensa en lo que se conoce. La imaginación solamente imagina lo imaginable, porque ésta habita en lo conocido.

MEMORIA ABISMO

La memoria **Vehículo IV Memoria y Amnesia**, lo memorable, por lo tanto lo extraordinario, es un estado notable que es recordado exactamente por el estado de no orden, en donde esta memoria se presenta en un contenido disforme, por que, la convención, lo normal, el padrón no trae la conservación. Estos modos de tener y ser son ocasionados por el estado de juzgamiento, por el estado de medida, en donde el proponente negocia sus deseos contra los deseos ajenos, así, dentro de la forma poderosa existirá



el momento de marca, que apuntará el resultado de esta interpretación que presenta el contenido importante para el momento, dentro de la tensión de poder, poder Ser.

El existir genético, por lo tanto interno, básico, natural, que solamente existe a través de la experiencia, se reflejará en el mundo exterior que nos apoya y nos repele, en donde intentaremos no ser repetitivo en la forma de vivir, esta cuestión de la repetición, presenta el estado en el ser humano que compone su creatividad, así siendo, la repetición hace del momento un acto tedioso que traba su estado de felicidad y con eso su realce, su búsqueda por lo desconocido, se torna estática, este estado estereotipo hace que sus movimientos sean uniformes y no creativos, organizando un momento de repetición, deshaciendo la voluntad de vivir.

Cuanto a la cuestión de la verdad, quien tiene por base la completitud de los hechos, las fidelidades de una representación entrarán en la cuestión de la correspondencia, y hasta en la adecuación en la subjetividad cognitiva del intelecto, teniendo como base la observación de la realidad; sin embargo, la observación ante nuestra vista, con la utilización de nuestros ojos se detiene en la composición de la genética y de la mente, por lo tanto el pasado, la experiencia en sí más el contenido momentáneo de la experiencia vivida, buscando una interpretación que podrá ser analizada, así cabe la pregunta: ¿Qué es real?

El comportamiento tiene como base la reflexión de la existencia en grupo, esta comprensión planificada, como metáfora, nos da uno de los aspectos del momento de la existencia, pero, en el momento del impasse, el abismo, hace que el momento se torne desconcertante, con eso creativo.

ASIMETRÍA DEL TENER

El **Vehículo V, Territorio Asimetría**, buscar la manifestación, el acto de revelar. La expresión pública, el acto de expresirse, por el propio existir es presente, porque la apariencia de estar, pero, la transparencia comportamental funcional, en estado consciente marcando la cuestión del valor, se califica como recibimiento, o mejor, la presentación, la observación del no presentador, mas, del observador, tenderá a

un intercambio de valor natural, en donde las partes se califican y vierten el intercambio, sea, en la observación, en el sentimiento (sensible o insensible), concediendo una atribución de bienes reglados por el sistema social; caminando para el extremo en donde el intercambio financiero ocurre. Esta habilidad de manipulación de la permuta existe naturalmente en la naturaleza, ya en el mundo social se atiende a las reglas.

En la materialidad del poder corpóreo, cada ser tiene su apego a la supervivencia, así, protegiendo su organismo, cuerpo, dando su valor, aprecio por la vida, esta transmisión ocurre en la teoría en el campo de los valores, valores como precificación, en donde cada objeto tiene su valor aprecio/financiero, con eso, el mundo económico tiene su movilidad creando las organizaciones transportadas y transformadas en juicios de valor en moneda, que tienen su origen en la vivencia del cuerpo. La preservación de la vida.

El diseño de la existencia tiene características naturales y las artificiales creadas en sociedades talvez basadas en visiones naturales, siendo así, su réplica con explicaciones metodológicas. El arte transmite estas informaciones conscientes y no, es decir, simplemente de forma sensible, o mejor: creada de detención mental, en donde la rapidez de hacer es más rápida que el estado de conciencia con método para criar una determinada arte. Donde llamaremos de inspirada. En este momento el conductor crea con valor, porque se percibe y posee el método y la impulsividad.

SELLO COMO METAEXISTENCIA

El concepto del **Vehículo VI, Sello**, nos transmite la narrativa de transfiguración, en donde el carácter presenta acontecimientos de formas gráficas, esta grafía de signos. Presente por la morfología, siendo del aspecto que nos distingue en especies, como conjunto de trazos psicológicos de caracterización, presentando los grupos, y sus temperamentos que transforman los modelos, esta figura de reproducción permite que los procesos se desarrollen hasta una fundición para existir en estigma.

Este sello/marca formula la disposición para composición de una orden autorizada, hasta el momento que el poder autoritario dé el espacio para una revisión de este concepto y exista una nueva fundición.

Esta localización coexiste, forman, como sistema dominante, y dentro la comprensión de sí y del sistema cual se vive en reflexión, armónico o no. Creando así una meta existencia, teniendo como control, controlado o controlador la mediática. El sistema de imagética que nos abarca a todos. Todos sí, como forma de comunicación. Una única comunicación, la salida de este comunismo abarca tener un estado creativo que puede ser estereotipado como locura, es decir: fuera de las normas.

CONTENIDO PERTINENTE

Al pasar por el por el poder de Tener (**V I**), comenzamos a comprender la Asimetría (**V II**),

realizamos la posesión del Arte signada (**V III**), buscamos el estado de Memoria y comenzamos a comprender la Amnesia (**V IV**), reaprendemos el Momento (**V V**), realizamos con el Sello (**V VI**), en este momento realizaremos el Contenido Pertinente **Vehículo VII**.

El acto de escribir (letras): organizar para interpretar, simplemente para pasar las ideas, es constituido, por lo tanto, tiene proceso, el acto de un conjunto de elementos: fonemas, morfema, palabra, sintagma, frase; viene de una arquitectura mental que trata de algo orientado a la cibersemiótica, para análisis del proceso de design, así, la arquitectura expandida califica el estado de designio.

El fone tiene su ocupación segmental y establecen inventarios, los morfemas crean las raíces y afijos, en donde, la creación de la palabra hablada se expresa, se comunica, crea, por lo tanto, la manifestación: el acto artístico ver, pensar, externar.

La palabra escrita substancializa la acción, siendo: el verbo; al adjetivar el arte se origina, porque, acrescenta la calidad en el sustantivo. La obra, siendo la frase, el sintagma existe, a través de este contenido en forma de narrativa la cosa gana título de obra y esta obra vive con el epíteto de obra de arte, en donde, su exposición es formada por la locución y se da la existencia del creador y del observador, unidos por la argamasa de la nominación.

La espacialidad híbrida, representa el mediático realizado por los proyectistas: los artistas, con la mentalización abierta para posibilitarnos una congruencia de salida inercial en acciones de performance que constituyen la configuración y reconfiguración que la semiótica llama de ‘espacio psiquismo representacional’, es decir: expandir sus límites de acción para más allá de los medios físicos; este remix promueve el estado de imagética, podremos llamarlo de hipertexto.

HIPERTEXTO CAMINO

El hipertexto tiene su origen en los textos pos Gutenberg, en donde al lado de la redacción principal teníamos pequeños aditamentos para encaminarnos durante la lectura, que posteriormente se creó la lectura de pie de página. La creación de la WWW (World Wide Web) fue exactamente la necesidad del hipertexto dentro del mundo científico, el trabajo utópico pide nuevas tecnologías, como habitamos dentro de un mundo de naturaleza mediática, la sociedad refleja la naturaleza, creando culturas.

Esta informativa fragmentaria tiende a tornarse compleja, porque lo antropológico pide publicaciones, divulgaciones para la propagación de algo pronunciable que articula la sociedad, el articular la sociedad es un pleonasma, porque, prestando atención, el sinónimo es visto en su contexto en la denominación taxonómica, no es valida, porque, no pertenece a una categoría sistemática, así, no es una descripción científica, y siendo, ¡el sinónimo no existe!

Entrando en el análisis epistemológico, reflexión general, pertenecemos al encuentro

con una dinámica de fundir, el tratamiento transdisciplinar y ciberespacial es en el contemporáneo el movimiento realizador, porque, donde los ‘espacios sociales’ se desprenden de los medios clásico y modernista, pero, utilizándolos como capa de superficie para apropiarse, y así, utilizar estos ingredientes para una estructura que organiza la filtración en el habitar de la comunicación.

En el sentido de utilizar generaciones ya inseridas que posibilitaron una gestación de comunicación en gestión sistemática en el acto de la educación, da una utilidad coyuntural las reformulaciones de una reconfiguración y ejecutando un formato innovador.



NUEVO INNOVADOR

Este contenido innovador, el acto de creación, con las estructuras de información comprometidas en el mundo tecnológico, en donde los relacionamientos de quien habita el mundo de la tecnología, creando así agentes especiales, en donde la civilización planetaria de siete mil millones de habitantes, solamente 3,2 mil millones están participando directamente de esta socialización y espacialización, el resto participa realmente por flujo osmótico. Ya el grupo elegido, por circunstancia social,

recibirá el conocimiento que está al frente en el mundo tecnológico. La unión de la consistencia con la inconsistencia, es decir, lo onírico y realidad sin limitaciones por la tecnología, desarrolló al punto de socializar un nuevo estado en donde la holografía y la economía se unieron.

HOLOGRAFÍA ARTE

La holografía con propiedad y un conjunto de resultados de experiencias pertinentes, lo innovador usa como trampolín el artículo transdisciplinar, que al saltar comedidamente dentro de las disciplinas, principalmente dentro de las interdisciplinas (Escuela de Frankfurt), representan una arte fotográfica de producción imagética tridimensional, conteniendo intensificamente la información,

de ausencia del desperdicio o excesos, la distribución y la sobra crean una organización relacionada al bienestar; todo esto solamente puede ocurrir por el cambio de paradigma, donde los saberes tienen su creatividad en la llamada Arte Contemporánea. Esta arte es un nuevo modelo, una representación de procesos de ampliación en el orden de la composición del pensamiento creativo, en donde el empirismo esta relacionado al sueño y a los pensamientos realizantes. Surge una nueva arte-inteligencia-creativa.

ARTIFICIAL INTELIGENCIA

La Inteligencia Artificial. Esta investigación sobre el raciocinio, habita en el artista/proyectista que mora en estado de Adepto (termino alquímico) que sus teorías y aplicaciones existen al momento de la toma de decisión, porque, el aprendizaje ya ocurrió, sus datos y parámetros ya habitan, comprende hasta la flexibilidad de lo desconocido, ‘el tercero incluido’.

Artificial Inteligencia es el reflejo del Ser, donde, al querer una comunicación externa crea un nuevo ser, sin embargo no humano, haciendo así las veces del creador, entrar en los términos religiosos simplemente por ser nuestro contenido lingüístico, porque, cada contenido es simplemente un momento cuando la captación neurocerebral dando la mente una agilidad no egoica, mas, de vivencia universal.

PARADIGMA

Utilizamos arquetipos y metáforas, vivimos en un momento de Realidades Mixtas, en donde, los avances en la productividad plástica esta cada vez más en unión y colaboración con la innovación tecnológica llamada hoy de Tecnología de la Información (TI). El involucrimiento es transdisciplinar, porque, las disciplinas existentes en el planeta participan de este Medio, la unión está en el software y en el Hardware, esta Realidad Aumentada crea la interacción en donde las pantallas (reloj, teléfono, tablet, desktop, televisión, proyectores y gafas) dan lugar al lente de contacto, así presentan un eco-hograma en que viviremos con nueva viabilidad de comunicación. La educación se confundirá con los juegos, las noticias con simples informaciones, son conversaciones de direccionamientos continuos para una búsqueda real de la realización del nuevo paradigma: ¡Arte es Vida!

¿Qué es la vida y el arte? El estado propicio para experiencias emocionales significativas, donde, el alma es mantenida por ser elevada en este camino, la búsqueda del involucrimiento con el misterio de la vida y del arte, este estado intimo, de lo desconocido solamente es llenado por la voluntad de ¡crear en la vida! Crear es descubrir, descubrir es: Ser el Misterio.

MOVIMENTO DE ABERTURA DE ATELIER DE SÃO PAULO
curadora: Ríosele Cordula (1937 / 2009) - crítica de arte da AICA
coordenação: Lucia Py / produção: Paula Salusse e Sonia Talarico

- 2005 - ATELIER ABERTO
curadora: Ríosele Cordula
GALPÃO 3 - Atelier espaço Lucia Py

- 2006 - ATELIER ESPAÇO OUTUBRO ABERTO
Paralelo a 27ª Bienal de São Paulo
publicação: folder/cartaz
participantes: C. Gebaile, G. Silva, L. Py, Mabsa, P. Salusse, S. Talarico, T. Gomes

- 2007 - ATELIER ESPAÇO OUTUBRO ABERTO
publicações: folder/cartaz e revista outubro aberto
participantes: C. Gebaile, C. Parisi, G. Silva, L. Mendonça, L. Py, L. Salles, Mabsa, P. Salusse, S. Talarico, T. Gomes

- 2008 - ATELIER ESPAÇO OUTUBRO ABERTO
Paralelo a 28ª Bienal de São Paulo
publicações: folder/cartaz
participantes: C. Gebaile, G. Silva, L. Mendonça, L. Salles, Mabsa, M. Cutait, P. Salusse, S. Talarico, T. Gomes

- LANÇAMENTO DO SITE: www.outubroaberto.com.br

- 2008 - EXPOSIÇÃO VALISE D'ART - ESPAÇO CULTURAL TENDAL DA LAPA
publicações: folder/cartaz e coleção de postais
participantes: C. Gebaile, G. Silva, L. Mendonça, L. Salles, Mabsa, M. Cutait, P. Salusse, S. Talarico, T. Gomes

- 2009 - ATELIER ESPAÇO OUTUBRO ABERTO - publicação: marcações de livro
participantes: C. Gebaile, G. Silva, L. Mendonça, L. Py, L. Salles, P. Salusse, S. Talarico, T. Gomes

COLETIVO0508 - 2005/2008
orientação: Paulo Klein e Lucia Py
apoio de produção: P. Salusse, S. Talarico
participantes: L. Py, Mabsa, P. Salusse, S. Talarico, T. Gomes
publicação PKZINE - 2006
publicação PKZINE - 2007

projeto ATOS PARALELOS/ I-II-III-IV-V-VI
Curador: Coletivo0508
- Mostra itinerante dos ATOS PARALELOS/ I - 2006/2007
nas estações Sé, Brás, Santo Amaro, República
- Publicação: folder/cartazes e encarte no PKZINE - 2007

PROCOA - PROJETO CIRCUITO OUTUBRO ABERTO

Constituição e formação dos projetos NASQUARTAS
Conselho Consultivo: Olívio Guedes, Lucia Py, Cildo Oliveira
Coordenação Geral: Lucia Py - Apoio coordenação: Carmen Gebaile, Cristiane Ohassi
procoaoutubroaberto.blogspot.com.br

PROFISSIONAIS COLABORADORES

FOTOGRAFIA - Tácito Carvalho
DESIGNER GRÁFICO - Cristiane Ohassi
PRODUTORES CULTURAIS - Consuelo Castro
REVISÃO - Armanda Jardim
VERSÃO INGLÊS - Charles Castleberry

PARCEIROS

MuBE - Museu Brasileiro da Escultura
NACLA - Núcleo de Arte Contemporânea
Latino Americana
ESPAÇO AMARELO
BARTE
ARTPHOTO Printing

FÓRUMS

12/MAI/2010 - ITINERARIUS I
- APRESENTAÇÃO PROCOA
- LANÇAMENTO VEÍCULO#1
26/AGO/2010 - PROCOA - FÓRUM DIREITO AUTURAL NAS ARTES VISUAIS
29/SET/2010 - ITINERARIUS II - ARTE NO MUNDO, MUNDO DA ARTE
- LANÇAMENTO VEÍCULO#2 - CIRCUITO OUTUBRO ABERTO/2010
20/OUT/2010 - ITINERARIUS III - PROJETO CIRCUITO OUTUBRO ABERTO/2010
- LANÇAMENTO VIDEO CIRCUITO OUTUBRO ABERTO/2010 - ISIS AUDI

FórumMuBE
- OUT/2013 - FórumMuBE | Arte | Hoje | PROCESSOS
- OUT/2014 - FórumMuBE | Arte | Hoje | FLUXUS
- A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA - 2014
temas recorrentes do contexto da arte e do momento hoje.
11/08/2014 - LUCIA PY - Tékhe, pensando a reprodutibilidade
08/09/2014 - CIDLO OLIVEIRA - Poética e multiplicidades
13/10/2014 - CARMEN GEBAILÉ - Marcas e Identidades
10/11/2014 - LUCY SALLES - Narrativa, genealogias femininas
15/12/2014 - MONICA NUNES - Para um céu de Natal, o baile do Menino Deus
- OUT/2015 - FórumMuBE | Arte | Hoje | CAPITAL SOCIAL

I - "NAS QUARTAS" - FORMATAÇÃO E CONCEPÇÃO DE PROJETOS
TODAS AS 4ª FEIRAS
participantes: L. Py, C. Oliveira, H. Silva
local: Rua Zequinha de Abreu, 276 - Pacaembu - São Paulo

II - OFICINA - PRÁTICA/PROCESSUAL COORDENADORA
TODAS AS 5ª FEIRAS
manhã - participantes: L. Py, C. Gebaile
local: Rua Zequinha de Abreu, 276 - Pacaembu - São Paulo

I - REUNIÃO MENSAL
SEGUNDA 2ª FEIRA DO MÊS - 10.30h
local: Espaço Amarelo - NACLA
Rua José Maria Lisboa, 708 - São Paulo

VEÍCULOS

VEÍCULOS
Coordenação Geral: Lucia Py
Coordenação Editorial: Lucia Py, Cildo Oliveira
Coordenação de apoio: Carmen Gebaile

VEÍCULO #1 - MAIO - 2010
MOMENTO TERRITÓRIO - O. GUEDES
BREVE HISTÓRICO - L. PY
FOTOGRAFIA: Acervo Prêmio Porto Seguro - C. OLIVEIRA
APAP - SP, artistas profissionais - F. Durão
NOVAS OPORTUNIDADES NA ÁREA CULTURAL - CCB - M. NUNES
ARTE POSTAL - LIVRO SOBRE A MORTE - A. FERRARA
ARTE POSTAL - PROTOCOLOS INAUTÊNTICOS - PROCOA
APAP-SP, ARTISTAS PROFISSIONAIS - F. DURÃO

VEÍCULO #2 - OUTUBRO - 2010
TERRITÓRIO/ASSIMETRIA - C. OLIVEIRA
COOPERATIVA CULTURAL BRASILEIRA, PROCOA E OS ENCONTROS MARCADOS - M. NUNES
PROJETO ATELIER AMARELO - C. OLIVEIRA
LUGAR SEM LUGAR - RUBENS ESPÍRITO SANTO
DESÍGNIO FELIZ OU RES POLÍTICO - RUBENS ESPÍRITO SANTO
PROJETO CIRCUITO OUTUBRO ABERTO - OUTUBRO 2010 - PROCOA
NOVA CASA DE RUBENS - ESPAÇO MULTI DUTES - RUBENS CURI
...UM ATO POLÍTICO NECESSÁRIO - L. PY
APAP-SP, HISTÓRIA DO DIREITO AUTURAL - F. DURÃO

VEÍCULO #3 - JULHO - 2011
MAIOR IDADE 1985 - C. OLIVEIRA
ECOOA - ESCOLA COOPERATIVA DAS ARTES - M. NUNES
DIREITO AUTURAL - APAP-SP - F. DURÃO
O ESPAÇO HÍBRIDO NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA - JULIANA CAETANO
STAMP ART - RUBBER ART - Arte Assinada - O. GUEDES - projeto Procoa

VEÍCULO #4 - AGOSTO - 2012
MEMÓRIA E AMNÉSIA - A QUESTÃO DO TEMPO NA CRIAÇÃO - O. GUEDES
ARTE É PARA TODO MUNDO VER - M. ELIZABETH FRANÇA ARARUNA
SIGNAGEM - projeto Procoa
BEAUTY FOR ACHES PROJECT - DAS CINZAS À BELEZA - DUDA PENTEADO

VEÍCULO #5 - AGOSTO - 2012
MOMENTO - O. GUEDES
TRANSCULTURALIDADE - DINAH GUIMARAENS
PROJETO CIRCUITO OUTUBRO ABERTO - OUTUBRO 2010 - PROCOA
NACLA - projeto Procoa
SOBRE O NOME NÃO DADO, FRONTEIRAS DEVIDAS - ESPAÇO NACLA

VEÍCULO #6 - OUTUBRO - 2014
SELO - O. GUEDES
ESPAÇO AMARELO ARTE E CULTURA - ACERVO IAED - H. SILVA
CASA AMARELA - H. SILVA
CARLOS DA SILVA PRADO - GRAZIELA NACLERIO FORTE

VEÍCULO #7 - OUTUBRO - 2015
OUTUBRO ABERTO - 2005 - 2015 QUERER FAZER - L. PY
A ARTE ESCRUTANTE - O. GUEDES
FórumMuBE | ARTE | HOJE | CAPITAL SOCIAL - C. OLIVEIRA

PUBLICAÇÕES

TRAJETÓRIAS I

TRAJETÓRIAS I
HISTÓRICO DE UM PROJETO - 2011
PROCOA - BREVE HISTÓRICO - L. PY
MEMÓRIAS DE UM SORRISO - Raul Córdula
PROCOA - O. Guedes
MATERIAL GRÁFICO
PUBLICAÇÕES - REPORTAGENS
Ed. Ali Print
Coordenação Geral: Lucia Py
Coordenação Editorial: Lucia Py, Cildo Oliveira
Coordenação de Produção: Paula Salusse
Coordenação de apoio: Carmen Gebaile
Textos: Lucia Py, Raul Córdula e Olívio Guedes
Realização: ProCoa2011 - Projeto Circuito Outubro Aberto 2011
Revisão: Armanda Jardim
Versões - Inglês: Charles Richard Castleberry
espanhol: Flávia Medina Poveda
Fotos: Carmen Gebaile, Cesar Romero, Cildo Oliveira, Dalva Bertelli, Fabio Laub, Fernando Durão, Luciana Mendonça, Tácito Moisés Pazianotto, Monica Nunes, Paula Fisch, Projeto Gráfico e Editoração: Cristiane Ohassi

OFICINAS

publicação - vídeo - exposição

A Morada - Sob o signo das pleiades - a Casa Aberto de todos os dias - Lucia Py
Biblioteca para Instantes - Eternos livros, o dia - Cildo Oliveira
Paramentos - Ditos dos pais - Carmen Gebaile
Memória / Desmemória - Fábula - Lucy Salles

PUBLICAÇÕES NACLA e ProCoa numeradas e assinadas pelos artistas

PERCURSO / OBRA
Ação peregrina - caderno de artista
meta-chaves - Lucia Py
Coleções: Multiversos:
mundos possíveis - Cildo Oliveira
Um Serpente em Marcação - Carmen Gebaile
Incorporadas movimentos - Gersony Silva
Gerações Femininas - Lucy Salles

PROTOCOLOS INAUTÊNTICOS
Atas de mim - A Casa do tempo - Lucia Py
Ma RIO - Cildo Oliveira
Quando por essas ilhas move - Gersony Silva
Antes de mim - Depois de mim - Lucy Salles

LINHA DO TEMPO - Lucia Py, Cildo Oliveira, Carmen Gebaile, Lucy Salles

LINHA DE PRODUÇÃO - Lucia Py, Cildo Oliveira, Carmen Gebaile

VEÍCULO ESPECIAIS - OUT. 2015

Campo do Conteúdo Pertinente
OLÍVIO GUEDES
Potes em prata para Moradas sem chaves
LUCIA PY
Aldela onde tudo se guarda
CIDLO OLIVEIRA
Elegias em Forma
HERÁCLIO SILVA
Dono das Flores
CARMEN GEBAILÉ

ARTISTAS ATELIER ABERTO 2015 (agendamento por email)

Carmen Gebaile - carmengebaile@yahoo.com.br
Cildo Oliveira - cildooliveira@gmail.com
Gersony Silva - ge@gersony.com.br
Heráclio Silva - heracliosilva@uol.com.br
Lourdes Sakotani - lhmkil@gmail.com
Luciana Mendonça - lucianamendonca@me.com
Lucia Py - luciamariapy@yahoo.com.br
Lucy Salles - lucyx@terra.com.br
Regina Azevedo - reginaazevedo1@gmail.com
Renata Danicek - renatadanicek@terra.com.br
Solange Rossignoli - solangerossignoli@yahoo.com.br

BANCO DE PROJETOS

I - PROTOCOLOS INAUTÊNTICOS
II - STAMP ART - Tendal da Lapa
III - RUBBER ART - ArtPhoto
IV - IDADE MAIOR - Tendal da Lapa
V - RAIOS X BAIRRO
VI - Sobre um nome não dado
Fronteiras Devidas
Espaço Amarelo / NACLA
I - Lucia Py, Cildo Oliveira
II - Heráclio Silva, Duda Penteado
III - Carmen Gebaile, Monica Nunes
IV - Luciana Mendonça, Gersony Silva
V - Olívio Guedes, Regina Azevedo
VI - Lucy Salles, Renata Danicek
VII - Christina Parisi, Mayra Rebellato
- Sobre um nome não dado II
TÓPICOS 14 - Adhaerere
ornatos e complementos
Espaço Amarelo - NACLA
L. Py, C. Oliveira, C. Gebaile, H. Silva

VIDEOS/FILMES

Edson Audi

I - OUTUBRO ABERTO 2010 - ATELIER ABERTOS - 4MIN-10 ARTISTAS
II - OUTUBRO ABERTO - FORMAÇÃO DO BANCO DE IMAGENS
FILMES - OFICINAS

BLOG

procoaoutubroaberto.blogspot.com.br

ESPECÍFICOS - INCUBADORA

Geral

ENCONTROS



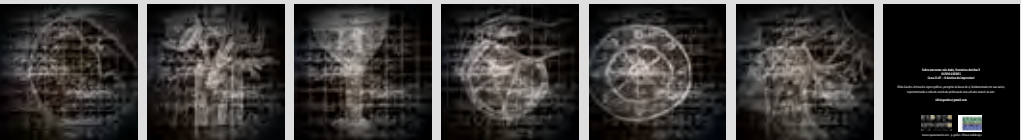


Convite eletrônico

Postal - 18 x 12cm



Marcadores de Livro - 5 x 18cm



Porta-copos - 10 x 10cm



Cartão - 14 x 14cm (formato fechado)

Cartão de Visitas - 5 x 9cm



Caderno grande - 18 x 25cm

Caderno médio - 15 x 21cm

Caderno pequeno - 10,4 x 16cm

Bloco de anotações - 10 x 10cm

Sacola - 10,4 x 16cm

Produtos de irradiação - Sobre um nome não dado, fronteiras devidas V - Projeto NACLA (Núcleo de Arte Latino Americano)
OLÍVIO GUEDES - Cena 23.07 – O destino do improvável - de 17/04 a 09/05 de 2014 - Espaço Amarelo - São Paulo - SP - Brasil

Olívio Guedes. Questionador da existência; faz parte de várias Instituições de cultura, tanto teóricas quanto práticas envolvendo-se no mundo acadêmico e no mercado das artes.

Questioner of existence; as a member of several, both theoretical and practical, Cultural Institutions, is engaged in the academic world and in the market of arts.

Cuestionador de la existencia; forma parte de varias Instituciones de cultura, tanto teóricas cuanto prácticas envolviéndose en el mundo académico y en el mercado de las artes.

OLÍVIO GUEDES - Cena 23.07 – O destino do improvável



TERRITÓRIO | ASSIMETRIA
TERRITÓRIO | ASSIMETRIA
TERRITÓRIO | ASSIMETRIA

MOMENTO TERRITÓRIO MOMENTO TERRITORIO TERRITORY MOMENT

Stamp Art - Rubber Art

- Arte Assinada
- Arte Assinada
- Signed Art

